

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS  
BACHARELADO EM LETRAS - TRADUTOR PORTUGUÊS E INGLÊS**

**JULIANA DE OLIVEIRA SCHAIDHAUER**

***FÊMINA:***

**Estudo e Escrita de uma Narrativa de Ficção Científica Feminista**

Porto Alegre

2022

**Juliana de Oliveira Schaidhauer**

***FÊMINA:***

**Estudo e Escrita de uma Narrativa de Ficção Científica Feminista**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Comissão de Graduação do curso de Bacharelado em Letras Tradutor Português e Inglês do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Bacharel em Letras; área de concentração: Escrita Criativa.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Leonardo Bonturim Antunes

Porto Alegre

2022

## CIP - Catalogação na Publicação

Schaidhauer, Juliana de Oliveira  
FÊMINA: Estudo e Escrita de uma Narrativa de Ficção  
Científica Feminista / Juliana de Oliveira  
Schaidhauer. -- 2022.  
60 f.  
Orientador: Carlos Leonardo Bonturim Antunes.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto  
de Letras, Bacharelado em Letras: Tradutor Português e  
Inglês, Porto Alegre, BR-RS, 2022.

1. Ficção Científica. 2. Teoria Feminista. 3.  
Escrita Criativa. I. Antunes, Carlos Leonardo  
Bonturim, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os  
dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Juliana de Oliveira Schaidhauer

*FÊMINA:*

Estudo e Escrita de uma Narrativa de Ficção Científica Feminista

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Comissão de Graduação do curso de Bacharelado em Letras Tradutor Português e Inglês do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Bacharel em Letras; área de concentração: Escrita Criativa.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Leonardo Bonturim Antunes

Porto Alegre, 10 de maio de 2022.

Resultado: Aprovado.

BANCA EXAMINADORA:

---

Prof. Dr. Carlos Leonardo Bonturim Antunes  
Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

---

Profa. Dra. Cinara Antunes Ferreira  
Departamento de Linguística, Filologia e Estudos Literários  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

---

Profa. Dra. Rita Lenira de Freitas Bittencourt  
Departamento de Linguística, Filologia e Estudos Literários  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

---

Me. Rafael do Amaral Prudencio  
Doutorando em Estudos Literários Aplicados: Literatura, Ensino e Escrita criativa  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

## AGRADECIMENTOS

Meu maior agradecimento, sem sombra de dúvidas, vai para meus pais: Carolina e Volney. Ela sempre meu exemplo de mulher-pessoa, meu anjo bom, meu porto seguro, metade de mim, que me contaminou ou abençoou com seu amor pela aprendizagem e que me ensina todos os dias a ser uma pessoa melhor e a ver a vida colorida. Ele sempre meu companheiro, sempre presente, apesar da distância, dando-me tudo de que preciso e muito do que simplesmente quero e ensinando-me a ser forte e trabalhadora.

Sou muitíssimo grata, também, aos meus dois guias e incentivadores da Escrita Criativa, Professores Leonardo Antunes e Guto Leite, os quais me fizeram acreditar em meu potencial como escritora, bem como me ensinaram muitas lições valiosas. Estendo, ainda, meu agradecimento a todos os outros professores da UFRGS que cruzaram o meu caminho, tornando-o mais inspirador, mais feliz e mais rico em conhecimento.

Ressalto que o presente trabalho foi realizado com o apoio da Pró-Reitoria de Pesquisa - UFRGS – Brasil e que, portanto, sou imensamente grata à PROPESQ, que me concedeu dois anos de Bolsa de Iniciação à Pesquisa Científica na área de Escrita Criativa para desenvolver meu projeto.

Também sou enormemente grata aos amigos, colegas e parentes que me incentivam e apoiam de diferentes maneiras, inclusive sendo, muitas vezes, os ouvidos atentos com quem eu compartilhava as ideias mirabolantes para este trabalho e as mentes perspicazes que faziam perguntas que me levaram a desenvolver mais profundamente o mundo ficcional em questão.

Muito, muito, muito obrigada a todos vocês. Eu vos amo!

## RESUMO

Neste Trabalho de Conclusão de Curso, apresenta-se um estudo do gênero Ficção Científica (FC), bem como dos campos Teoria Feminista (TF) e Escrita Criativa (EC), seguido da exposição das ideias e produções referentes ao romance de ficção científica feminista ainda em desenvolvimento, intitulado *Fêmina*. Para além do meu apreço por tais gêneros, o estudo em questão faz-se relevante por contribuir, em termos de conhecimento, tanto no âmbito crítico quanto no artístico, com duas áreas de estudo marginalizadas no cenário acadêmico brasileiro dedicado à Literatura — a saber, a FC e a EC —, além de proporcionar reflexões críticas sobre o nosso próprio mundo (real) e suas estruturas de gênero através da perspectiva da TF, promovendo a igualdade e o respeito entre todos os indivíduos e argumentando contra qualquer tipo de vantagem de uma pessoa sobre a outra. Assim sendo, os objetivos deste trabalho são: (1) aprofundar o conhecimento nas referidas áreas de estudo; (2) estabelecer relações entre conceitos e ideias dessas áreas e aspectos da narrativa de *Fêmina*; e (3) documentar e refletir acerca do processo de escrita de um romance. Para a realização deste estudo, a metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica a partir de obras de autores e/ou organizadores como Mark Bould, Andrew M. Butler, Adam Roberts, Sherryl Vint, Heloisa Buarque de Hollanda, Luiz Antonio de Assis Brasil e Virginia Woolf. Como resultados deste trabalho, tem-se todo o conhecimento acumulado e organizado a respeito das referidas áreas, bem como a sinopse da história, a estruturação do romance em capítulos e seções, as fichas de personagens das figuras principais da narrativa, assim como da população em geral, uma descrição formal da língua a ser utilizada na escrita da narrativa (Língua Feminesa) e, por fim, mas não menos importante, alguns trechos de capítulos da história.

**Palavras-chave:** Ficção Científica. Teoria Feminista. Escrita Criativa. Romance. *Fêmina*.

## ABSTRACT

This Final Paper presents the studies made on the genre of Science Fiction (SF), as well as the disciplines of Feminist Theory (FT) and Creative Writing (CW), followed by the exposition of ideas and written productions related to the feminist science fiction novel, entitled *Fêmina*, which is still in development. Beyond my passion for such genres, this study is relevant due to its contribution, in terms of knowledge, both in a critic and in an artistic way, to two areas of study that are a bit marginalized in the academic scenario dedicated to Literature in Brazil — namely SF and CW —, as well as due to its provision of critiques of our own (real) world and its gender structures and relations through the perspective of FT, promoting equality and respect among all individuals and arguing against any kind advantage from a person over another. Therefore, the objectives of this work are (1) to deepen the knowledge in the aforementioned areas of study; (2) to establish relations between concepts and ideas in these areas and aspects of the narrative of *Fêmina*; and (3) to document and reflect upon the process of writing a novel. In order to carry out this study, the methodology used was bibliographic research in the works of authors or organizers such as Mark Bould, Andrew M. Butler, Adam Roberts, Sherryl Vint, Heloisa Buarque de Hollanda, Luiz Antonio de Assis Brasil and Virginia Woolf. As results of this work, there is the cumulate and organized knowledge regarding the aforementioned areas of study, as well as the synopsis of the story, the structuring of the novel in chapters and sections, the characters' sheets of the main figures of the narrative, as well as that of the general population, a formal description of the language to be used in the writing of the narrative (Feminese Language), and, last but not least, some excerpts from chapters of the story.

**Keywords:** Science Fiction. Feminist Theory. Creative Writing. Novel. *Fêmina*.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>2 O GÊNERO DA NARRATIVA: FICÇÃO CIENTÍFICA .....</b>	<b>9</b>
2.1 O SUBGÊNERO DA NARRATIVA: FICÇÃO CIENTÍFICA FEMINISTA.....	18
<b>3 A IDEOLOGIA DA NARRATIVA: TEORIA FEMINISTA.....</b>	<b>21</b>
<b>4 O PROCESSO ORIGINÁRIO DA NARRATIVA: ESCRITA CRIATIVA .....</b>	<b>28</b>
<b>5 A NARRATIVA: <i>FÊMINA</i> .....</b>	<b>35</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>56</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>58</b>



## 1 INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) surge de uma amálgama de paixões e pulsões que inspiraram não apenas a mim, mas a gerações de mulheres desde o século XVII, e com mais força a partir do XX. Do lado esquerdo do meu peito, veio o amor pela Ficção Científica (FC), esse gênero com origem incerta, que pode ter começado em 1818 com o *Frankenstein*, de Mary Shelley; ou, talvez, em 1830 com Edgar Allan Poe; ou, ainda, com Júlio Verne por volta de 1860; quem sabe com H.G. Wells em 1890; ou no ano de 1926 com a revista *pulp Amazing Stories*, de Hugo Gernsback... Seja quando for o início dessa história, sabe-se que, desde então, a FC conquistou o globo, tornando-se um dos gêneros mais populares do mundo ocidental (não só no âmbito literário mas também), monopolizando a indústria cinematográfica, inspirando uma boa parcela dos jogos de computador, assim como o design e a arquitetura, e se espalhando para programas de televisão infantis, imagens corporativas, comerciais, entre outros. Por sua vez, do meu córtex cerebral, veio a indignação com a questão de gênero (entre mulheres e homens) e seus reflexos sociais (desigualdade, opressão, violência, entre outros), tanto no passado quanto atualmente, guiando-me até a Teoria Feminista. Dentro dessa, encontrei inúmeros conceitos e ideais, especialmente no feminismo interseccional, que aguçaram minhas críticas aos problemas sociais contemporâneos e, ao mesmo tempo, inspiraram sonhos utópicos futuristas tanto de inversão da hegemonia entre homens e mulheres quanto da abolição dos conceitos de gênero e seus consequentes impactos na vida das pessoas. Por fim, junto a essas duas áreas do saber, minha paixão pela Escrita Criativa, incentivada por uma oficina e dois professores brilhantes da nossa Universidade, entrou em ebulição. Assim, todos esses fatores resultaram no desejo de escrever uma narrativa de Ficção Científica Feminista e fazer minha contribuição para essa tradição de mulheres escritoras e apaixonadas por FC que imaginam mundos melhores para todas, discutindo, dessa forma, os problemas do nosso próprio mundo (real). Este trabalho, então, constituindo-se de reflexões feitas a partir de variadas leituras nos campos anteriormente mencionados e da organização e apresentação das ideias para a escrita de uma história própria em consonância com tais obras, é a concretização desse desejo e o fim de uma longa caminhada de aprendizado e crescimento não só no campo das Letras, mas também nos campos pessoal, político e artístico.

Apreciar todas essas áreas, porém, não foi o único motivo para que eu escolhesse trabalhar com elas. Quanto à Ficção Científica, apesar da sua enorme popularidade e influência, temos de reconhecer que se trata de um gênero que tende a ser marginalizado no cenário acadêmico brasileiro dedicado à Literatura. Falando a partir de minha experiência, durante meus

quatro anos de estudo no curso de Letras e aproximadamente 50 disciplinas cursadas na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), infelizmente apenas uma disciplina (eletiva) focou (por meio semestre) nesse gênero. Outra matéria escanteada na Universidade é a Escrita Criativa. Em minha trajetória de graduação, não haveria nada dedicado a ela não fosse a iniciativa dos professores e escritores Carlos Leonardo Bonturim Antunes e Carlos Augusto Bonifácio Leite, os quais decidiram dar início à Oficina de Escrita Criativa Permanente (Anual) com encontros semanais. Sendo assim, em termos de conhecimento, este trabalho é um meio de contribuir com esses campos de estudo não-tão-populares-quanto-poderiam-ser, tanto no âmbito crítico quanto no artístico (da Literatura). Além disso, somando a essa contribuição as questões socioculturais a serem abordadas neste trabalho e em seu produto final (o romance *Fêmina*) através da perspectiva feminista, pretende-se proporcionar reflexões críticas sobre o nosso próprio mundo e suas estruturas de gênero, promovendo a igualdade e o respeito entre todos os indivíduos e argumentando contra qualquer tipo de vantagem de uma pessoa sobre a outra.

O objetivo geral deste trabalho, então, é descrever a forma com a qual a Ficção Científica e a Teoria Feminista influenciaram o processo de Escrita Criativa de *Fêmina*. Quanto aos objetivos específicos, pretende-se: (1) aprofundar o conhecimento em cada uma das áreas de estudo; (2) estabelecer relações entre conceitos e ideias das referidas áreas e aspectos da narrativa de *Fêmina*; e (3) documentar e refletir acerca do processo de escrita do romance.

As leituras que serviram de base para este trabalho foram divididas de acordo com seus assuntos. Sobre FC, foram lidas as obras *The Routledge Companion to Science Fiction* (2009), organizada por Mark Bould, Andrew M. Butler, Adam Roberts e Sherryl Vint, e *A Verdadeira História da Ficção Científica: Do preconceito à conquista das massas* (2018), escrita por Adam Roberts, a fim de obter uma visão geral e fazer uma revisão histórica do gênero como um todo. Em relação à Teoria Feminista, foi lida a obra *Pensamento Feminista: Conceitos fundamentais* (2019), organizada por Heloisa Buarque de Hollanda, em busca da compreensão de conceitos e propostas feministas a serem imbuídos e explorados na narrativa. Por último, mas não menos importante, em relação à Escrita Criativa, foram lidas as obras *Escrever Ficção: Um manual de criação literária* (2019), de Luiz Antonio de Assis Brasil, e *Mulheres e Ficção* (2019), de Virginia Woolf, seguidas da aplicação prática de algumas de suas sugestões e técnicas durante o meu processo de escrita e da reflexão acerca de tais métodos.

Tais leituras me guiaram no desenvolvimento e na escrita da história de *Fêmina*: esse mundo utópico habitado apenas por mulheres e homóides — que substituíram a presença masculina —, onde todas as irmãs vivem de acordo com o lema Liberdade, Igualdade e

Felicidade (LIF). Os homens, ou Y, por sua vez, ainda vivem, mas no subsolo distópico conhecido como Máchina, onde eles são criados e mantidos para fazer a única coisa que as mulheres ainda não são capazes de fazer por si mesmas: fornecer o material seminal para a reprodução.

Nos três capítulos a seguir, serão apresentados alguns conceitos e informações extraídos dos livros e de que forma eles influenciam a história de *Fêmina*. O capítulo 2 contém informações gerais e uma revisão histórica sobre o gênero da FC, com um olhar mais detido ao subgênero da Ficção Científica Feminista para contextualizar o quadro literário em que *Fêmina* se insere. O capítulo 3 versa sobre a Teoria Feminista, especialmente os conceitos e propostas que farão parte do cerne da sociedade feminiana. O capítulo 4 explica algumas técnicas de escrita criativa e traz comentários feitos por escritores profissionais, os quais foram utilizados no processo de escrita de *Fêmina*. Feitas essas reflexões, o capítulo 5 traz todo o material já produzido referente à parte criativa do trabalho (ou seja, da narrativa de *Fêmina*), como trechos da história, fichas de personagem, roteiro de capítulos e seções, sinopse, entre outros. Por fim, o capítulo 6 apresenta as conclusões finais do presente trabalho e os possíveis pontos a serem melhor desenvolvidos futuramente.

## 2 O GÊNERO DA NARRATIVA: FICÇÃO CIENTÍFICA

Não poderia ser fácil, nem jamais será definitiva, qualquer tentativa de definir com precisão no que consiste este objeto de estudo tão vasto, diversificado e rico que é a FC, visto que tal gênero se manifesta em diversos âmbitos, incluindo a Literatura, filmes, séries, histórias em quadrinho, revistas, fanzines, blogues, brinquedos, jogos, lugares, convenções e assim por diante. Restringindo-nos, porém, à sua manifestação primeira e principal: a Literatura de Ficção Científica, faremos bom uso de alguns dos diversos autores que já empreenderam tal esforço definatório e podem contribuir para a compreensão do gênero em questão. Uma das definições mais conhecidas é a de Darko Suvin – escritor e crítico iugoslavo –, que descreve a FC como “gênero literário ou construto verbal cujas condições necessárias e suficientes são a presença e interação de distanciamento e cognição, e cujo dispositivo principal é uma moldura imaginativa alternativa ao ambiente empírico do autor” (1988 apud ROBERTS, 2018, p. 37). Outra contribuição de Suvin foi sua especificação do *novum*, que, nas palavras de Roberts, seria:

[...] o dispositivo, artefato ou premissa ficcionais que põem em foco a diferença entre o mundo que o leitor habita e o mundo ficcional do texto de FC. Esse *novum* pode ser

algo material, como uma espaçonave, uma máquina do tempo ou um dispositivo de comunicação mais-rápido-que-a-luz; ou pode ser algo conceitual, como uma nova versão de gênero ou consciência. (ROBERTS, 2018, p. 37).

Por sua vez, as definições propostas pelo próprio Adam Roberts – escritor e crítico inglês – para a FC são: (1) uma “forma de romance fantástico em que a magia foi substituída pelos discursos materialistas da ciência” (Ibid., p. 29); (2) “o lugar onde arte e ciência se conectam” (Ibid., p. 44); e (3) “Textos que apresentam elementos descritivos que não serão encontrados no mundo real, de modo a engendrar certos efeitos nesse mundo” (Ibid., p. 40)<sup>1</sup>. Além disso, Roberts também afirma que “A FC incorpora uma genuína e radical abertura para a alteridade, um fascínio com as extensões mais remotas da possibilidade imaginativa” (Ibid., p. 25) e divide o gênero em quatro formas principais: histórias de viagem pelo espaço (para outros mundos, planetas, estrelas), histórias de viagem pelo tempo (para o passado ou para o futuro), histórias de tecnologias imaginárias (maquinários estranhos, robôs, computadores, ciborgues e cibercultura) e ficção utópica<sup>2</sup>. Por outro lado, de acordo com Braulio Tavares – escritor, compositor e pesquisador brasileiro –, a FC é, ao mesmo tempo, (1) “um gênero literário subversivo por excelência, inclusive por abrigar visões conflitantes e ser palco de debates essenciais do nosso tempo” (2017 apud ROBERTS, 2018, p. 13) e (2) “uma usina de ideias funcionando a toda potência, moldando nossa consciência sempre que a absorvemos de maneira direta (contos, romances, filmes, quadrinhos) ou indireta (imprensa, publicidade, moda, comportamento e tecnologias que experienciamos na vida cotidiana) (Ibid., p. 14). Como podemos ver, são muitas as formas de se caracterizar a FC, mas, de acordo com Roberts, em meio a tantas discordâncias e visões particulares, há um consenso de que a FC seja uma:

[...] forma de discurso cultural (em essência literário, mas nos últimos tempos cada vez mais cinematográfico, televisual, de quadrinhos e relacionado a jogos, eletrônicos ou não) que envolve a concepção de um mundo, de um modo ou de outro, diferenciado do mundo real em que os leitores vivem. (ROBERTS, 2018, p. 39).

Alguns outros pontos relevantes mencionados por Roberts em *A Verdadeira História da Ficção Científica* foram, por exemplo, a constatação da natureza sistemática da imaginação científico-ficcional, ou seja, o “modo como muitos textos não só postulam um *novum*, ou ‘coisa nova’, mas fazem, de maneira sistemática, conjecturas sobre as diferenças que tal *novum* provocaria na sociedade e cultura como um todo” (Ibid., p. 19), e a declaração de que

<sup>1</sup> Braulio Tavares afirma que essa potencialidade de descrever em termos visuais algo que nunca existiu ganhou impulso com Verne, Wells e outros autores no século XIX.

<sup>2</sup> Vale ressaltar que essa questão da Ficção Utópica pertencer à FC ou se constituir em outro gênero gera conflitos entre os aficionados. Adams, porém, justifica sua visão subordinativa das utopias à FC pelo fato de as primeiras tomarem como ponto de partida questões relacionadas à Filosofia e à Teoria Social – as quais fazem parte das Ciências Humanas.

espaçonaves, robôs, máquinas do tempo e tecnologias digitais são os quatro tropos que ocorrem com mais frequência no gênero. Ademais, Roberts caracteriza o discurso de FC como materialista e científico ao mesmo tempo em que é visionário e especulativo e defende a separação entre FC e Fantasia de maneira pontual: “A fantasia é sobrenatural; a FC, extraordinária, e há um universo de diferença entre esses dois termos” (Ibid., p. 33). Vale destacar, também, a tensão dinâmica mencionada pelo autor entre uma lógica enciclopédica sincrônica e um impulso narrativo diacrônico explicada da seguinte forma:

Uma das principais atividades da FC é a construção de mundos, um projeto totalizante que é, com frequência, materializado em apêndices, mapas, glossários e até mesmo — em muitas das obras mais populares da FC dos séculos XX e XXI — numa completa subcultura paratextual de guias, manuais, enciclopédia e *wikis*. (Ibid., p. 142).

A fim de complementar a definição desse gênero tão vasto, serão enumeradas brevemente algumas das temáticas e elementos recorrentes na FC ao longo de toda a sua existência, dividindo-se suas fases entre Proto-Ficção Científica, Século XIX e Século XX. Vale destacar que, em diversos casos, mais de uma temática/elemento integrou as obras e que os temas das fases anteriores continuaram a ser explorados nas subsequentes.

- Proto-Ficção Científica: voos, viagens intra<sup>3</sup> e interplanetárias, utopias, projeções astrais, viagens temporais, naves (ou navios) espaciais, alienígenas, experimentações científicas (tanto falhas quanto de sucesso), histórias alternativas, ficção futurista e pseudotecnologias (ou mediadores técnicos).
- Século XIX: cientistas loucos, especulação tecnológica, ficção pré-histórica e histórias de mundos/raças perdidos.
- Século XX: catástrofes ecológicas, poluição industrial, superpopulação, consumismo, brutalidade do policiamento, consequências da mídia, devastação atômica, questões raciais/sexuais/linguagem/subjetividade, descontentamento com quem está no poder, realidades virtuais/ciberespaço, pós-humanismo, implantes, nanotecnologia, debates políticos, aquecimento global, engenharia genética, pós-colonialismo, fim da raça humana e clonagem.

Outra questão para a qual não há uma resposta simples e única entre os teóricos e fãs refere-se à origem da FC. Muitos afirmam que a gênese da FC se deu em 1926 com o

---

<sup>3</sup> É importante mencionar que as viagens intraterrestres se davam tanto por sobre a Terra, como estamos acostumados a fazer no mundo real, quanto para dentro da Terra, desvelando subterrâneos maravilhosos e secretos.

lançamento da revista *pulp Amazing Stories*, de Hugo Gernsback. Outros remontam a autores e/ou textos marcantes na história do gênero como sendo seus precursores, tais como o *Frankenstein* (1818), de Mary Shelley, ou Edgar Allan Poe (nas décadas de 1830 e 1840), ou Julio Verne (a partir de 1860), ou H.G. Wells (a partir de 1890) e por aí vai. Entretanto, na visão de Roberts, “As raízes do que hoje chamamos de ficção científica são encontradas nas viagens fantásticas da novela grega antiga” (Ibid., p. 23), sejam elas expedições marítimas, jornadas por terra ou para baixo/dentro dela ou viagens para o céu e outros planetas. Para englobar, então, todas essas possíveis origens, será feita uma breve recuperação histórica do gênero, partindo da concepção mais antiga e/ou abrangente (a de Roberts).

Para Adam Roberts, há uma “forma nascente de FC na Grécia Antiga, que desaparece ou é sufocada com o advento cultural da Igreja Católica e que torna a emergir quando a nova cosmologia do século XVI inspira a teologia de pensadores protestantes no século XVII” (Ibid., p. 30). Segundo o autor, “A observação mais importante a ser feita sobre a antiga FC grega é que seu domínio próprio se situa entre os estilos mundano, ou terrestre, e divino, ou teológico” (Ibid., p. 67). Alguns dos exemplos trazidos por Roberts dessa tradição de jornadas fantásticas envolvendo voos e explorações aéreas de terras desconhecidas incluem: *Belerofonte* (por volta de 430 a.C.), de Eurípides, que fala de uma tentativa de voar até o céu no lombo de Pégaso, um cavalo alado; *A Paz* (421 a.C.) e *As Aves* (414 a.C.), de Aristófanes, que falam, respectivamente, de um voo em um enorme escaravelho para encontrar Zeus e de uma cidade utópica voadora; bem como *Icaromenipo ou Um homem acima das nuvens* e *História Verdadeira* (escritas entre 160 e 180 d.C.), de Luciano de Samósata, envolvendo viagens aéreas e marítimas. Conforme Roberts reforça, “A *Voyage extraordinaire* para o céu tem uma extensa linhagem” (Ibid., p. 69), e, quanto à parte científica de toda essa ficção, ele explica: “As ciências que integravam mais amiúde a FC antiga eram práticas e técnicas, como as ciências associadas à navegação e à guerra, ou filosóficas” (Ibid., p. 66). Todas essas viagens, porém, enfrentam o “intervalo que se segue, quando a cultura helenística e romana entra em colapso no que os historiadores ainda chamam de Idade Média” (Ibid., p. 76).

A respeito do século XVI, vale ressaltar que a maioria dos livros produzidos nessa era pré-impressão eram devocionais e práticos e que as histórias da época consistiam principalmente em romances medievais centrados na cavalaria e *fabliaux* (narrativas cômicas curtas e de circulação oral)<sup>4</sup>. Ainda assim, viagens extraordinárias continuavam sendo narradas,

---

<sup>4</sup> Em outras palavras, as narrativas a seguir mencionadas interessavam apenas a uma minoria, visto que “Pouquíssimas pessoas sabiam ler e a esmagadora maioria das que sabiam consumiam uma produção dentro dos parâmetros tradicionalmente orientados da Igreja”. (ROBERTS, 2018, p. 93)

como uma ida à Lua (destino bastante comum) no romance épico *Orlando Furioso* (1532), do poeta italiano Ludovico Ariosto, além do surgimento de uma nova forma de extrapolação imaginativa importante para o desenvolvimento da FC: a escrita utópica. De acordo com Roberts, “Essas histórias de sociedades ideais tiram seu nome, é claro, de *sir* Thomas More, cuja *Utopia* foi publicada em latim, em 1516” (Ibid., p. 84) e “A sociedade em Utopia é organizada conforme parâmetros mais aperfeiçoados: os bens são possuídos em comum; a instrução é generalizada; a população é bem organizada, produtiva e feliz; e assim por diante” (Ibid., p. 84). Outro importantíssimo evento para a história do gênero que aconteceu nesse século foi a Revolução Copernicana, ou seja, a “mudança importante... em toda a noção de espaço, sinalizada, senão provocada, pela publicação de *On the Revolution of the Celestial Orbs* [*As Revoluções dos Orbes Celestes*] (1543)” (Ibid., p. 90), relato em primeira mão das teorias do clérigo e astrônomo Nicolau Copérnico, escrito por seu jovem seguidor Georg Joachim. Tal obra foi uma das principais responsáveis pela substituição do modelo ptolomaico, a versão geocêntrica do cosmos que sobreviveu por quase 1500 anos sem ser contestada (a qual afirmava que a Terra ocupava a posição central no Sistema Solar e era defendida pela Igreja), pelo modelo copernicano, a versão heliocêntrica do cosmos (que comprovou que era o Sol e não a Terra que ocupava a posição central), provocando uma profunda transformação na concepção do universo e dando início à Ciência Moderna<sup>5</sup>. Ainda de acordo com Roberts:

Antes do novo mapa dos céus de Copérnico, qualquer viagem fantástica além da Terra dava-se sempre em um reino entendido como divino em vez de material e, portanto, dentro de um contexto teológico. Após Copérnico, o cosmos não apenas se expande de modo formidável em escala e como área de ação, mas se torna necessariamente materializado. Abre-se uma clivagem entre as narrativas cosmológicas de ciência e religião. (Ibid., p. 91).

Sendo assim, “No final do século XVI ainda não chegamos a um ponto em que possamos identificar a ficção científica em qualquer sentido significativo” (Ibid., p. 91), mas as bases da FC já haviam sido lançadas com o desafio ao modelo católico/mágico do cosmos, a escrita utópica (materialista e sistemática) e o imperialismo (que inspirou a escrita de muitas narrativas de viagens extraordinárias).

Já no século XVII, com as ideias de Copérnico difundidas pela Europa (apesar de ainda serem fortemente combatidas pela Igreja/Inquisição) e outras descobertas científicas fundamentais (“entre elas as leis do movimento planetário, o magnetismo da Terra e a distinção entre magnetismo e eletricidade” [Ibid., p. 97]), não só a exploração científica mas também a

---

<sup>5</sup> Vale dizer que essa nova teoria foi considerada herética, pois contrariava as Escrituras Sagradas e se opunha diretamente à dominação do conhecimento por parte da Igreja (prática comum na Europa Medieval).

“livre exploração imaginativa” – ou seja, a FC – da nova cosmologia foi ganhando força. De acordo com Roberts, essa nova cosmologia, e sua noção da infinidade de mundos, provocou dois efeitos cruciais para o desenvolvimento da FC, são eles: (1) a possibilidade imaginativa da humanidade se defrontar com seres radicalmente diferentes: os alienígenas (qualidade essa também referida como alteridade); e (2) o aumento vertiginoso da escala do universo e sua correspondente representação estética: o sublime (também referido como sentimento de espanto), com seu gigantismo, tanto em tamanho quanto em extensões temporais, em contraste com a pequenez humana/terrestre. Dando seguimento, ainda, à tradição dos romances clássicos ou novelas de cavalaria, algumas das principais temáticas de FC a florescerem nesse período foram as viagens interplanetárias, o embate entre ciência e religião (com a primeira suplantando a segunda), a escrita utópica e as especulações maravilhosas ou maquinicas (como a de Sorel, mencionada a seguir). Vale ressaltar, ainda, que foi no século XVII que surgiu a primeira narrativa de história alternativa (que explora diferentes desdobramentos de um conhecido evento ou período histórico), a saber: *Eudemia* (1637-1645), de Ianus Nicius Erythraeus (pseudônimo de Giovanni Vittorio Rossi), bem como as primeiras narrativas futurísticas, tal como *A Brief Description os the Future History of Europe from Anno 1650 to 1710* (1650), de Paul Grebner, e que, também nesse período, as questões de gênero e suas políticas começaram a aparecer nas histórias. Quanto a outras obras relevantes do período, merecem destaque: *Gazettes et Nouvelles ordinaires de divers pays lointains* (1632), de Charles Sorel, que “inclui entre suas inúmeras maravilhas uma mulher metálica, artificialmente construída, que possui o conhecimento de todas as línguas do mundo: a criatura mais bem cotada para ser o primeiro robô humanoide da literatura” (Ibid., p. 116); *O Sonho* (1634), escrita pelo astrônomo alemão Johannes Kepler, a qual também é considerada “a primeira obra de FC” por alguns teóricos, versando sobre uma viagem à Lua e as condições lá encontradas; bem como *The Description of a New World, Called The Blazing-World* (1666), de Margaret Cavendish, por ser essa a primeira obra conhecida de FC escrita por uma mulher.

Foi no século XVIII (também referido como Era da Razão ou Século das Luzes), porém, nas palavras de Roberts, que “a ficção científica se expandiu de uma subcultura literária em pequena escala de especulação científica e utópico-social para algo mais substancial e impositivo” (Ibid., p. 139), e isso se deu com o “gênero começando a se articular como o



correlativo do discurso cultural do Iluminismo<sup>6</sup>” (Ibid., p. 139), reinventando “motivos sobrenaturais em termos seculares e materiais” (Ibid., p. 160) e tendo Isaac Newton como o “ícone da Nova Ciência racionalista” (Ibid., p. 147). Vale ressaltar, ainda, outro ponto paradoxal da FC (além da dualidade Ciência/Religião) que se torna bastante evidente a partir deste período, a saber: a euforia e o medo em relação aos avanços científicos e tecnológicos. De acordo com Roberts, dito de duas formas diferentes, “A FC fica eufórica com o avanço tecnológico, vida alienígena ou a escala do cosmos e tem um medo supersticioso deles” (Ibid., p. 141) e “Sem dúvida não ficaremos surpresos que a extrapolação imaginativa dos escritores do Iluminismo tenda ao mesmo tempo a celebrar e a satirizar a expansão imperial, a ficar ao mesmo tempo empolgada com as possibilidades da tecnologia e sua implementação no mundo e desconfiada delas” (Ibid., p. 141). Algumas das obras mais importantes dessa época são *Viagens para Várias Nações Remotas do Mundo em Quatro Partes*, mais conhecida como *As Viagens de Gulliver*, (1726), de Jonathan Swift, e *Micrômegas* (1750), de Voltaire, ambas explorando os recursos imaginativos macroscópico e/ou microscópico, tornados salientes pelas recentes descobertas científicas, bem como “a relação entre ciência e representação” (Ibid., p. 149), além da popular ficção futurística pré-Revolução Francesa *Ano 2440: Um Sonho, Se É que Sonhos já Existiram* (1771), de Louis Sébastien Mercier. É importante mencionar, também, que as principais nações produtoras de FC nesse período foram a Inglaterra e a França, “em parte porque ambos os países estavam sempre envolvidos, não sem certa espécie de violência, nos primórdios da expansão tecnológica e imperial” (Ibid., p. 171).

A partir, então, da Revolução Industrial, iniciada em 1760, e ao longo do século XIX, passando, obviamente, pelo *Frankenstein; ou, o Prometeu Moderno* (1818), de Mary Shelley, houve uma explosão de narrativas de FC e a consequente criação e expansão de uma tradição literária impulsionada principalmente pelos autores Júlio Verne e H. G. Wells, cada um fundando sua própria variante dentro dessa tradição. A variante fundada pelo escritor francês Jules Gabriel Verne, conhecida como *Ficção Científica Hard*, caracterizou-se por sua função pedagógica, com a ciência ocupando posição de destaque nas obras e sendo apresentada como conteúdo. A variante fundada pelo escritor inglês Herbert George Wells, por sua vez, conhecida como *Ficção Científica Soft*, tinha caráter mais especulativo/maravilhoso, com a ciência em

---

<sup>6</sup> A definição dada por Roberts de Iluminismo é “consenso filosófico, principalmente do século XVIII, em torno do primado da razão e da importância da ciência experimental submetida à prova, o que desafiava antigos mitos e superstições religiosas” (2018, p. 139). E como consequência desse consenso, refletido nas obras de FC da época, tem-se que “A visão iluminista do mundo é, com devastadora franqueza, uma visão do mundo inteiro aberto à conquista, à colonização e ao empobrecimento – em nome da razão, da liberdade e da perfeição da humanidade” (Ibid., p. 153).

posição secundária e sendo utilizada como um dispositivo contextual para trazer verossimilhança, plausibilidade e efeitos especiais aos textos. O que Wells fez com a FC, basicamente, foi pegar a fórmula popular criada por Verne e transformá-la em um poderoso instrumento de especulação e crítica social. É importante ressaltar, ainda, que a todos esses textos escritos e publicados antes do ano de 1926 dá-se o nome de Proto-Ficção Científica.

Tal nomenclatura impõe-se, porque a FC só ganhou esse nome e se configurou oficialmente como um gênero literário no início do século XX, com a inauguração da primeira revista (*pulp*) dedicada exclusivamente ao gênero: a *Amazing Stories* (1926-2005), editada por Hugo Gernsback. A primeira edição da revista trouxe uma mistura de Edgar Allan Poe, Verne, Wells e três autores mais recentes e menos conhecidos. Após sua configuração como gênero literário, a FC tornou-se um fenômeno cultural massificado. Segundo Farah Mendlesohn (KAWA et al., 2009, p. 52), a *Amazing Stories* foi lançada em um momento de proliferação, atrelada à queda nos preços, das revistas *pulp* (graças ao uso de um novo e mais barato tipo de papel, feito da polpa da celulose), em que já havia um público que apreciava tanto a FC *Hard* quanto a *Soft*. Vale ressaltar, porém, que a FC não se desenvolveu de maneira uniforme ou da mesma forma nos diferentes países do mundo. Enquanto, por exemplo, as publicações de contos em revistas *pulp* dominavam os Estados Unidos, eram os romances científicos de um só volume que continuavam a ocupar a posição principal no Reino Unido (desde a época de Verne).

Na década de 1950, o gênero passou por importantes modificações. A primeira delas foi o fato de que as revistas emergentes optaram por publicar textos mais adultos e inteligentes, tais como distopias de futuros próximos e sátiras, afastando-se das aventuras infantis das revistas anteriores e provocando certa evolução do gênero como um todo. A segunda mudança foi a instauração de uma nova tendência no mercado editorial de FC, a saber: os livros impressos, motivada pela crise sofrida no mercado de revistas americano. Sendo assim, muitas das histórias de sucesso das revistas foram republicadas na forma de livros, tornando-se best-sellers. Além disso, essa transição do mercado de revistas para o mercado de livros deu aos autores mais independência profissional (já que não precisavam mais se submeter às exigências de seus editores) e permitiu, ainda, que cada um deles explorasse mais profundamente suas próprias visões artísticas. Isso tudo contribuiu para ampliar as técnicas formais disponíveis e para a profissionalização do gênero, que passou a ser visto como uma forma séria de Literatura, contando com visibilidade cultural, sucesso comercial e reconhecimento da crítica (coisas que as revistas *pulp* nunca alcançaram). Salienta-se, também, que, já nesta época, a FC era um gênero popular não só na Literatura mas também no Cinema, em séries de televisão, em revistas dos mais variados temas, em jornais etc.

Nas décadas de 1960 e 1970, fruto de tudo o que já vinha sendo desenvolvido nos anos anteriores, veio o auge da contracultura, da revolução sexual, dos Direitos Civis e do Rock 'n' Roll. Nesse meio, surgiu também um movimento de ruptura na FC, trazendo mais visibilidade e respeitabilidade ao gênero por meio de seus muitos best-sellers: a Nova Onda. Tal movimento está ligado à ascensão de Michael Moorcock a editor da revista *New Worlds* em 1964, a qual buscava se separar da velha guarda da FC por meio de novos autores, posições culturais, temas, estilos e metáforas. Tal movimento, inspirado nas vanguardas de autores como William S. Burroughs e Jorge Luis Borges, contou com narrativas voltadas para questões intimistas, escritas em linguagem explícita, com uma consciência política agressiva, ênfase ao gênero e à sexualidade, pessimismo em relação à ciência e aos cientistas, bem como uma recusa às promessas da modernidade tecnológica. Esse período também trouxe outro tipo de conquistas importantes para o gênero, como a fundação de associações e revistas acadêmicas dedicadas à FC, assim como o fato de muitos escritores de FC passarem a ter formação literária em vez de científica. Além disso, a FC *Soft*, em que o foco narrativo não está nas questões científicas, mas em questões ideológicas/políticas/sociais, tornou-se a principal moda graças à conscientização e ao questionamento de valores tradicionais que estavam acontecendo na época.

Por sua vez, na década de 1980, a inovação veio com *Neuromancer* (1984), de William Gibson, um dos livros mais importantes e influentes do movimento *Cyberpunk*. Inspirado na Nova Onda, esse movimento teve como principais elementos característicos as realidades virtuais/ciberespaço, as mudanças corporais e o pós-humanismo. Outro movimento da época foi o Humanista, que focava no caráter humano, frágil e falível, explorando questões filosóficas e religiosas. A FC Feminista também se consagrou nesse período, mas esse subgênero específico será melhor explicado na próxima seção. Além disso, como reação à predominância da FC *Soft* nas últimas décadas, manifestos foram feitos, principalmente na Inglaterra, os quais comunicavam o almejo por uma FC *Hard* de qualidade que também abordasse questões políticas e científicas. Tais manifestações deram origem aos movimentos Nova FC *Hard* e Nova Ópera Espacial (que veio substituir as espetaculares, mas datadas e mal escritas, aventuras espaciais do subgênero predecessor: Ópera Espacial).

A partir da década de 1990, outros novos subgêneros continuaram a surgir. Alguns deles são o Novo Estranho (marcado pelo irracionalismo), a FC Mundana (que une a FC com a Literatura convencional contemporânea) e o Afrofuturismo (que aborda questões e preocupações afro-americanas). No entanto, histórias e elementos tradicionais continuam a ser explorados por quem gosta deles. A Ficção Científica Feminista, por exemplo, é um subgênero

que continua sendo estudado e traduzido nos dias atuais, além de ser o ramo ao qual pertence *Fêmina*, como ficará claro a seguir.

## 2.1 O SUBGÊNERO DA NARRATIVA: FICÇÃO CIENTÍFICA FEMINISTA

A FC é um gênero que enfatiza as relações dos indivíduos com seu mundo, com outras pessoas e até mesmo com alienígenas. Ela também permite a criação de mundos baseados em diferentes conceitos e nos quais as questões de gênero seguem parâmetros distintos, especulando sobre como seria tal mundo e como a subjetividade das pessoas seria afetada por essas mudanças. Assim, uma Ficção Científica Feminista (formada, em grande parte, por utopias) surgiu, no século XVII, juntamente com a Teoria Feminista, e passou por várias fases, acompanhando as evoluções de tal teoria.

Em relação à Utopia (subgênero sociopolítico da FC que surgiu em 1516 com o livro homônimo de Thomas More), sabe-se que essas histórias abordam (1) lugares idealizados ou perfeitos e (2) sociedades inexistentes descritas em detalhes e geralmente localizadas em um tempo/espço melhor que o do escritor/leitor. As utopias, por meio de suas sociedades alternativas, criticam a sociedade de seus próprios autores ao mesmo tempo em que descrevem contrastes sociais, políticos, jurídicos e éticos. Esse tipo de narrativa costuma se passar no futuro, mas está sempre relacionada ao presente, e visa a trazer estranheza ao leitor contemporâneo, permitindo que ele reflita sobre sua própria realidade (não utópica). Vale ressaltar que a palavra *utopia* pode ser interpretada de duas maneiras ao traçar suas origens gregas: *eu-topia*, que significa bom lugar, e *ou-topia*, que significa lugar nenhum, estabelecendo uma tensão entre a realidade ruim, mas existente, e um futuro maravilhoso, mas irreal.

Quanto às Utopias Feministas, alguns de seus temas e elementos recorrentes são: direitos das mulheres (com reforma social, independência econômica, reestruturação familiar, novos meios de reprodução etc.), superioridade moral feminina, liberdade, igualdade, mulheres guerreiras, revolução sexual e política, respeito à natureza, fim do sexismo/racismo/divisões de classe, mundos sustentáveis, abolição da propriedade privada, sociedades tecnologicamente avançadas, justiça social, experimentos científicos (como produção artificial de materiais naturais, cura de doenças, extensão da vida, filtragem de água, entre outros), democracia e comunismo. Vale dizer que as utopias, feministas ou não, variam seus temas de acordo com as mudanças sociais e políticas do mundo, jamais se tornando obsoletas e sempre defendendo possibilidades de mudança e aperfeiçoamento, bem como a capacidade humana de pensar e sonhar. Esse subgênero, então, busca reescrever o mito patriarcal por meio das fantasias

femininas e provocar estranhamento no público em relação à sua própria realidade, fazendo-o questionar suas crenças e tradições, sua posição social e seus preconceitos.

Recuperando, agora, de forma resumida, as relações entre a FC e a Teoria Feminista, temos que, durante os séculos XVII e XVIII, as mulheres lutaram pelo seu direito à educação, à pregação e ao divórcio, refutando a ideia da inferioridade natural das mulheres em relação aos homens e culpando a cultura e os costumes pelo atraso das mulheres. Por sua vez, as utopias feministas produzidas nessa época também abordavam o direito das mulheres à educação. Do século XIX ao XX, em que as mulheres lutaram por sua sexualidade, seus direitos de voto, de emancipação e de propriedade, desta vez defendendo a diferença natural entre homens e mulheres e reivindicando igualdade, pelo menos, no plano cultural, as utopias feministas da época também se baseavam em diferenças naturais. De 1950 a 1975, aproximadamente, livros sobre Teoria Feminista tornaram-se best-sellers (o que mostra o crescimento e popularização do movimento), revelando a insatisfação das donas de casa, as diferenças culturais entre homens e mulheres, a misoginia na literatura e a opressão feminina. A FC Feminista desse período também criticava a condição das donas de casa, a opressão e o patriarcado. Vale ressaltar, ainda, que, nas décadas de 60 e 70, quando a ideia de um lugar completamente bom deixou de parecer plausível, surgiram as utopias críticas, as quais refletiam preocupações sociopolíticas e demandas por mudanças em relação à exploração ecológica e às desigualdades de gênero, raça e classe. Essas utopias abordavam os problemas trazendo possibilidades, mas não soluções. A seguir, na década de 1970, surgiu o campo dos Estudos da Mulher e, ao longo desse período, houve a redescoberta e republicação de obras literárias escritas por mulheres, bem como a publicação de novas utopias, distopias e narrativas feministas sobre a escravidão. Por fim, a partir de 1980, tem-se um período marcado pela negação de qualquer diferença natural entre os sexos, pela percepção dos gêneros como conceitos construídos, pela complexidade da identidade, pela desnormalização da heterossexualidade e pela presença de ciborgues — seres híbridos, andróginos e travestis —, os quais questionam o binarismo de gênero.

Quanto à presença de autoras femininas na FC, apesar da crença geral de que o gênero fora escrito quase unicamente por autores homens até o *boom* feminista das décadas de 60 e 70 e da grande popularidade desfrutada por muitos desses autores, hoje sabemos, a partir de dados, que a história não foi bem assim. De acordo com a lista intitulada “Utopias e Ficção Científica Escritas por Mulheres Antes de 1950 – Uma Lista de Leitura de Edições On-line, com

Anotações”<sup>7</sup>, disponível no site da biblioteca da Universidade da Pensilvânia (EUA)<sup>8</sup>, a qual enumera (mas não esgota) autoras inglesas e americanas, bem como algumas de suas obras, desde 1621, vemos que a produção feminina em cada período corresponde aproximadamente ao que consta na tabela a seguir:

<b>Período</b>	<b>Número de autoras mencionadas</b>	<b>Número de obras mencionadas</b>
1600	4	7
1700	6	6
1800	14	23
1870	11	13
1880	17	22
1890	57	66
1900	46	59
1910	27	42
1920	51	101
1930	43	81
1940	48	83
1950	20	34

Como fica claro a partir desses números, existe uma tradição literária ocidental contínua e crescente desde o século XVII até o presente a qual acompanha, como é de se esperar de um subgênero, o desenvolvimento do gênero como um todo. Trata-se da tradição das mulheres que escreveram sobre lugares melhores, imaginando outras realidades, regras, costumes e papéis sociais a serem desempenhados.

À luz do que foi mencionado acima, fica claro que a FC, tendo estabelecido uma convenção narrativa de contato e comunicação com o diferente, tornou-se um espaço privilegiado para a exploração das questões de gênero, bem como um meio pelo qual a sociedade pode se autocriticar. Além disso, vimos que as obras de FC são escritas a partir da reprodução ou contestação dos paradigmas de seu tempo, e, em um momento em que os índices de feminicídio continuam subindo, em que os salários de mulheres e homens na mesma função são desiguais e em que as mulheres agredidas são responsabilizadas por seus próprios abusos, a escrita de um texto que visa a refletir sobre tal temática e imaginar uma solução para tais problemas torna-se pertinente. Afinal, a transformação da realidade em utopia é o principal objetivo da esperança (e da escrita) utópica, da mesma forma que todos os projetos utópicos revelam os sonhos e desejos dos indivíduos por trás deles. Assim, a história de *Fêmina* carrega

<sup>7</sup> Em tradução livre. No original: “Pre-1950 Utopias and Science Fiction by Women – An Annotated Reading List of Online Editions”.

<sup>8</sup> Veja a lista completa em: [https://digital.library.upenn.edu/women/\\_collections/utopias/utopias.html](https://digital.library.upenn.edu/women/_collections/utopias/utopias.html).

consigo as expectativas de liberdade, igualdade e felicidade de uma jovem escritora do século XXI, dialogando e dando continuidade a essa tradição iniciada no século XVII.

### 3 A IDEOLOGIA DA NARRATIVA: TEORIA FEMINISTA

Partindo, agora, para outro arcabouço teórico – o Feminista –, o qual, juntamente com o da Ficção Científica, serve de base para a narrativa a ser desenvolvida, tomaremos como foco de estudo a obra *Pensamento Feminista: conceitos fundamentais* (2019), organizada por Heloisa Buarque de Hollanda. Tal obra reúne dezenove artigos de influentes personalidades feministas que se põem a refletir não apenas sobre questões de gênero mas também sobre como a nossa realidade é estruturada a partir delas e como poderia ser diferente se tais questões fossem repensadas ou mesmo eliminadas.

Antes de adentrar em qualquer conceito ou proposta mais específicos, parece-me fundamental descrever o próprio feminismo, apesar da dificuldade de resumir um movimento tão complexo e com toda uma história de ramificações e conquistas. Nas palavras de Monique Wittig, em seu artigo “Não se nasce mulher” (1980), “O que significa feminista? É uma palavra formada por ‘femme’, ‘mulher’, e significa alguém que luta pelas mulheres.” (*In*: LORDE et al., 2019, p. 87). De acordo com Joan Scott, no artigo “Gênero: uma categoria útil para análise histórica” (1986), “A história do pensamento feminista é uma história da recusa da construção hierárquica da relação entre masculino e feminino” (*Ibid.*, p. 65). Já para Nancy Fraser, no artigo “Feminismo, capitalismo e a astúcia da história” (2009), que fala mais especificamente sobre a segunda onda do feminismo<sup>9</sup>, esse é um movimento social, político e ideológico que une “seu sentimento expandido de injustiça e sua crítica estrutural da sociedade” (*Ibid.*, p. 26), pautado no “questionamento radical ao androcentrismo que permeia as sociedades capitalistas”

---

<sup>9</sup> É importante ressaltar que a história do movimento feminista costuma ser dividida e explicada em ondas, sendo elas: a primeira onda, iniciada no fim do século XIX, encabeçada por mulheres brancas e de classe média do Reino Unido e dos EUA, as quais, inspiradas pelos princípios da Revolução Francesa, buscavam a conquista da igualdade jurídica, como o direito ao voto e uma relação mais equilibrada no casamento; a segunda onda, aproximadamente de 1960 até 1980, que já contava com um grupo um pouco mais diverso de mulheres, as quais ainda lutavam contra a sua subordinação no cotidiano, bem como pelo seus direitos de acesso ao trabalho remunerado, ao estudo em universidades e à posse de bens (afinal nem todas as mulheres se contentavam com a única alternativa que lhes era oferecida: cuidar dos filhos e dos afazeres domésticos); a terceira onda, iniciada em 1990, durante a qual o mito da “mulher” foi destruído, dando lugar às “mulheres”, todas elas, com todas as suas diferenças, as quais lutavam por objetivos diferentes, tais como o combate aos preconceitos de classe, de cor, de gênero, de orientação sexual, de região etc. em diversos âmbitos; e a quarta onda, ou feminismo do século XXI, durante a qual, graças à popularização da internet e das redes sociais, houve a massificação do debate acerca das ideias feministas e a desconstrução de estereótipos negativos acerca das feministas, levando à popularização do movimento e ao aumento exponencial do número de adeptas.

(Ibid., p. 25), objetivando a concretização de uma promessa emancipatória que inclui a justiça de gênero, bem como a transformação da cultura e das instituições.<sup>10</sup> Como ficará claro ao longo da discussão, a referida injustiça sentida e combatida por nós, feministas, decorre diretamente dos conceitos de gênero naturalizados em nossa sociedade e de seus desdobramentos sociais, políticos etc. Por isso, faz-se necessária uma crítica sistêmica dessa sociedade, evidenciando e questionando as opressões advindas da ordem dominante ao mesmo tempo em que se concebem formas alternativas de estruturar a vida social.

Dois conceitos muito importantes, e que devem ser devidamente diferenciados para a compreensão da discussão a seguir, são o de gênero e o de sexo. Como explica Joan Scott, faz pouco tempo, mais precisamente a partir dos anos 60 e 70, que correspondem à segunda onda do movimento, que “as feministas começaram a utilizar a palavra ‘gênero’ mais seriamente, no sentido mais literal, como uma maneira de referir-se à organização social da relação entre os sexos” (Ibid., p. 49-50). Ainda nas palavras da autora:

Esse tipo de interpretação torna problemáticas as categorias ‘homem’ e ‘mulher’, sugerindo que o masculino e o feminino não são características inerentes e sim construções subjetivas (ou fictícias). Essa interpretação implica também que o sujeito se encontra num processo constante de construção. (Ibid., p. 62).

Ou seja, ambos os termos costumavam ser usados de maneira intercambiável (seguindo o pressuposto do determinismo biológico de que as diferenças de gênero decorrem de diferenças sexuais) até que surgiu a compreensão de que “O gênero é [...] uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado” e, ao mesmo tempo, “[...] um modo de distinguir a prática sexual [sexualidade] dos papéis atribuídos às mulheres e aos homens [gênero]” (Ibid., p. 54). O gênero, então, não passa de uma construção social que “pode incluir o sexo, mas que não é diretamente determinado pelo sexo nem determina diretamente a sexualidade” (Ibid., p. 54). Algumas contribuições interessantes de Teresa de Lauretis, no artigo “A tecnologia de gênero” (1987), relativas a essa questão são:

[...] necessitamos de um conceito de gênero que não esteja tão preso à diferença sexual a ponto de virtualmente se confundir com ela [...] Para isso, pode-se começar a pensar o gênero baseado numa visão teórica foucaultiana, que vê a sexualidade como uma “tecnologia sexual”; dessa forma, seria possível propor que também o gênero, como representação e como autorrepresentação, fosse produto de diferentes tecnologias sociais, como o cinema, por exemplo, e de discursos, epistemologias e práticas críticas institucionalizadas, bem como das práticas da vida cotidiana.

Poderíamos dizer que, assim como a sexualidade, o gênero não é uma propriedade de corpos nem algo existente a priori nos seres humanos, mas, nas palavras de Foucault,

---

<sup>10</sup> Fraser também menciona que “As feministas da segunda onda se intitularam como movimento contracultural democratizante anti-hierárquico participativo e popular” que defendia um *ethos* “horizontal de conexão fraternal” (Ibid., p. 33). Essas mesmas idealizações permeavam, igualmente, a minha imaginação ao pensar sobre *Fêmina*.



“o conjunto de efeitos produzidos em corpos, comportamentos e relações sociais”, por meio do desdobramento de “uma complexa tecnologia política”. (Ibid., p. 123).

[...] gênero não é sexo, uma condição natural, e sim a representação de cada indivíduo em termos de uma relação social preexistente ao próprio indivíduo e predicada sobre a oposição “conceitual” e rígida (estrutural) dos dois sexos biológicos. (Ibid., p. 126).

Sendo assim, para concluir a conceitualização a respeito do gênero e diferenciá-lo de outra categoria, o sexo, a seguinte colocação de Judith Butler, no artigo “Atos performáticos e a formação dos gêneros: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista” (1998), faz-se muito valiosa:

Quando Beauvoir afirma que “mulher” é uma categoria histórica e não um fato natural, ela claramente sublinha a distinção entre sexo, como uma facticidade biológica, e gênero, como uma interpretação ou significação cultural dessa facticidade. Ser fêmea é, de acordo com essa distinção, uma facticidade que não tem em si nenhum significado. Ser mulher é ter se *tornado* mulher, ter feito seu corpo se encaixar em uma ideia histórica do que é uma “mulher”, ter induzido o corpo a se tornar um signo cultural, é ter se colocado em obediência a uma possibilidade historicamente delimitada; e fazer isso como um projeto corporal repetitivo que precisa ser ininterruptamente sustentado. (Ibid., 217).

Dessa forma, espera-se que tenha ficado claro que o sexo se refere à variável biológica feminino/masculino, determinada a partir do sistema reprodutor, hormônios, entre outras diferenças físicas, enquanto o gênero se refere à construção identitária criada e sustentada ao longo do tempo a partir dos diferentes sexos. Outros termos relevantes para a presente discussão são: sexualidade (forma com a qual as pessoas experienciam e expressam a si mesmas sexualmente) e orientação sexual (indicador de quem lhe provoca atração sexual).<sup>11</sup>

Relacionando, então, os referidos conceitos com a nossa realidade social (ou seja, a forma como se dão as relações materiais, econômicas e interpessoais), Scott afirma que “O produto do sistema dominante ocidental é uma divisão nítida entre masculino e feminino” (Ibid., p. 61) em que há a imposição de regras de interação social baseadas no gênero, bem como uma “associação persistente da masculinidade com o poder” (Ibid., p. 61). A partir dessa relação, uma nova definição de gênero se faz presente: “[...] o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos; e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder.” (Ibid., p. 67). Ou, nas palavras de Monique Wittig, “A divisão criada pelos homens da qual as mulheres têm sido objeto é política”

---

<sup>11</sup> Para aprofundarmos um pouco mais as interrelações entre gênero, sexo e sexualidade, as seguintes afirmações de Judith Butler vêm a calhar: “[...] a associação de um sexo natural a um gênero discreto e com uma ‘atração’ ostensivamente natural pelo sexo/gênero oposto é uma junção não natural de construtos culturais a serviço de certos interesses reprodutivos” (Ibid., p. 220) e “[...] uma das formas de reprodução e disfarce do sistema da heterossexualidade compulsória é a atribuição, aos corpos, de sexos discretos com uma aparência ‘natural’ e uma disposição também ‘natural’ à heterossexualidade” (Ibid., p. 221).

(Ibid., p. 83). Como crítica à mencionada representação binária masculino-feminino, que goza de uma insuportável aparência de eternidade, Scott argumenta que, quando fazemos atribuições relativas aos “meninos e meninas” ou aos “homens e mulheres” de maneira geral, “Encontramos implicadas nessa abordagem a noção a-histórica, se não essencialista, de mulheres [ou de homens]” (Ibid., p. 63-64), afinal não somos todos iguais.<sup>12</sup> Após questionar a universalidade das noções homem e mulher, a autora nos convida a “rejeitar o caráter fixo e permanente da oposição binária” e a fazer “uma desconstrução autêntica dos termos da diferença sexual”, através da análise contextualizada da maneira “como opera qualquer oposição binária, revertendo e deslocando a sua construção hierárquica, em lugar de aceitá-la como real, como óbvia ou como estando na natureza das coisas” (Ibid., p. 64-65). Monique Wittig faz uma proposta muito semelhante ao definir como tarefas do feminismo:

[...] definir o que chamamos de opressão em termos materialistas, tornar evidente que as mulheres são uma classe. Isso significa dizer que a categoria ‘mulher’ assim como a categoria ‘homem’ são categorias políticas e econômicas e não categorias eternas. Nossa luta tem como objetivo suprimir os homens como classe não por meio de um genocídio, mas de uma luta política. Quando a classe ‘homens’ desaparecer, ‘mulheres’ como classe irão desaparecer também, pois não existem escravos sem senhores. (Ibid., p. 88).

É exatamente a isso que *Fêmina* se presta: inicialmente, explorando e extrapolando uma inversão total da construção hierárquica dos gêneros, em que os homens são os alvos da opressão; e, finalmente, experimentando uma nova construção, não-hierárquica, em que todas as pessoas são vistas e tratadas como iguais. Outro ponto interessante mencionado por Joan Scott aparece em:

Se as significações de gênero e de poder se constroem reciprocamente, como é que as coisas mudam? De modo geral, a mudança pode ter várias origens. Convulsões políticas de massa que joguem as antigas ordens no caos e façam surgir novos regimes [...] Crises demográficas causadas pela fome, peste ou guerras [...] A transformação das estruturas de emprego. (Ibid., p. 74-75).

Quanto a esse ponto, pareceu-me curioso notar que a primeira das opções mencionadas pela autora (convulsões políticas de massa) fora também aquela que eu havia escolhido para a história de *Fêmina*. A ideia para a narrativa é uma Revolução Feminina em três fases que se

---

<sup>12</sup> Monique Wittig complementa essa crítica a partir de seu lugar de fala: “[...] por sua própria existência, a sociedade lésbica destrói o fato (social) artificial que constitui as mulheres como um ‘grupo natural’” (Ibid., p. 83). Sandra Harding, por sua vez, no artigo “A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista” (1986), também reforça essa crítica ao defender que: “Uma vez entendido o caráter arrasadoramente mítico do ‘homem’ universal e essencial que foi sujeito e objeto paradigmáticos das teorias não feministas, começamos a duvidar da utilidade da análise que toma como sujeito ou objeto uma mulher universal – como agente ou como matéria do pensamento. Tudo aquilo que tínhamos considerado útil, com base na experiência social de mulheres brancas, ocidentais, burguesas e heterossexuais, acaba por nos parecer particularmente suspeito, assim que começamos a analisar a experiência de qualquer outro tipo de mulher.” (Ibid., p. 96).

inicia com a revolta de um grupo de amigas e vai ganhando adeptas a cada nova tragédia divulgada envolvendo mulheres.

Novamente de acordo com Nancy Fraser, a partir da segunda onda do feminismo, ocorreu o entrelaçamento de “três dimensões analiticamente distintas de injustiça de gênero: a econômica, a cultural e a política” (Ibid., p. 27), que decorrem, respectivamente, da má distribuição, da falta de reconhecimento e da falta de representação. Joan Scott também defendeu algo parecido ao escrever que: “O gênero é construído através do parentesco, mas não exclusivamente; ele é construído igualmente na economia, na organização política [...]” (Ibid., p. 68). Teresa de Lauretis, por sua vez, propõe uma explicação mais detida desse ponto:

As concepções culturais de masculino e feminino como duas categorias complementares, mas que se excluem mutuamente e nas quais todos os seres humanos são classificados, formam, dentro de cada cultura, um sistema de gênero [...] Embora os significados possam variar de uma cultura para outra, qualquer sistema de sexo-gênero está sempre intimamente interligado a fatores políticos e econômicos em cada sociedade. Sob essa ótica, a construção cultural do sexo em gênero e a assimetria que caracteriza todos os sistemas de gênero nas diferentes culturas [...] são entendidas como “sistematicamente ligadas à organização da desigualdade social. (Ibid., p. 126).

Em outras palavras, o que se tornou claro desde então é que as identidades de gênero interferem em praticamente todos os âmbitos da vida, perpetuando uma certa hierarquia (que se baseia em compreensões generalizadas da relação pretensamente natural entre o masculino e o feminino) e, conseqüentemente, gerando a opressão do gênero desprestigiado. Novamente de acordo com Joan Scott, “Estabelecido como um conjunto objetivo de referências, o conceito de gênero estrutura a percepção e a organização concreta e simbólica de toda a vida social.” (Ibid., p. 70).

Acontece, porém, que o gênero não é o único eixo de opressão social, e as feministas perceberam isso. De acordo com Joan Scott, “Em lugar de procurar as origens únicas, temos que conceber processos tão ligados entre si que não poderiam ser separados” (Ibid., p. 66) e “As desigualdades de poder estão organizadas segundo, no mínimo, esses três eixos [a saber, classe, raça e gênero]” (Ibid., 51). Já nas palavras de Nancy Fraser:

As feministas da segunda onde se uniram a outros movimentos emancipatórios e expandiram o significado de justiça [...] Focando não apenas no gênero, mas também na classe, na raça, na sexualidade e na nacionalidade, elas foram precursoras de uma alternativa ‘interseccional’ que é amplamente aceita hoje. As feministas da segunda onda ampliaram o campo da ação da justiça para incluir assuntos anteriormente privados, como sexualidade, serviço doméstico, reprodução e violência contra mulheres. (Ibid., p. 31-32).

Para elas, o feminismo surgiu como parte de um projeto emancipatório mais amplo, onde as lutas contra injustiças de gênero estão necessariamente ligadas às lutas contra o racismo, o imperialismo, a homofobia e a dominação de classes – e todas elas exigem uma transformação das estruturas profundas da sociedade capitalista. (Ibid., p. 35).

Sendo assim, torna-se evidente que não somente a diferença sexual tem sido concebida em termos de dominação e de controle das mulheres mas também que muitos outros fatores influem nas relações sociais, formando um inextricável sistema de opressão.

Adentrando, agora, mais profundamente na questão das injustiças sociais presentes na nossa realidade, veremos uma tabela repleta de problemas apontados pelas pensadoras feministas (mas que está longe de exauri-los), bem como as possíveis alternativas sugeridas por elas para lidar com tais questões e as minhas próprias alternativas (as quais fundamentarão a realidade em *Fêmina*).

**Tabela 1 – Injustiças e Alternativas**

<b>Injustiças</b>	<b>Alternativas feministas</b>	<b>Alternativa feminiana</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Divisão sexista do trabalho que sistematicamente desvaloriza atividades executadas por ou associadas a mulheres;</li> <li>• Reponsabilidade das mulheres com a maior parte dos cuidados não remunerados;</li> <li>• Desigualdade salarial entre homens e mulheres.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Valorizar atividades não assalariadas, especialmente os trabalhos que envolvem cuidado, socialmente necessários e executados por mulheres;</li> <li>• Reconhecimento e remuneração do trabalho doméstico e do sexual;</li> <li>• Reformulação e reorganização da simbolização da diferença e da divisão sexual do trabalho.</li> </ul>	<p>Para início de conversa, não há homens em <i>Fêmina</i>, o que extingue a divisão sexista do trabalho. Quanto às mulheres, elas têm a liberdade para escolher a qual trabalho querem se dedicar, podendo trocar de função a cada ciclo caso não se realizem no trabalho escolhido inicialmente. Em relação à remuneração, não há dinheiro em <i>Fêmina</i> (extinguindo a acumulação de bens); todas as mulheres recebem aquilo de que precisam para viver e aquilo que desejam em retribuição às suas contribuições (trabalho) para a Nação. E, para as tarefas que uma mulher não quiser realizar, há as homoides, que fazem tudo o que forem programadas para fazer.</p>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Subordinação das mulheres aos homens;</li> <li>• Relação mulher-homem envolvendo servidão, obrigação social, física e econômica (residência forçada, trabalho doméstico, deveres conjugais, ilimitada produção de filhos).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Emancipar as mulheres da sujeição pessoalizada aos homens, sejam eles pais, irmãos, padres, anciãos ou maridos;</li> <li>• Combater nossa passividade;</li> <li>• Transformar radicalmente as estruturas profundas da totalidade social (capitalista, patriarcal, androcêntrica) / transformação sistêmica.</li> </ul>	<p>Segregação dos homens no subterrâneo (<i>Máchina</i>), onde são não apenas subordinados às (poucas) mulheres (que lá trabalham), como animalizados por elas, em reparação histórica. Em <i>Fêmina</i>, não há homens, apenas homoides, as quais fazem para suas mulheres tudo aquilo que elas desejarem.</p>

<ul style="list-style-type: none"> <li>• Burocracia indutora de passividade do estatismo hierárquico.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Valores feministas de empoderamento e participação.</li> </ul>	<p>Em Fêmina, os núcleos mais diretamente responsáveis pela organização social e pela satisfação das necessidades/vontades da Nação serão formados por Conselharias (Locais e Mundial) de 10 pessoas, as quais são escolhidas pela população, sem jamais se candidatarem, a partir de suas produções e contribuições para a Nação. Além disso, qualquer mulher da população pode, em qualquer momento, dirigir-se à sede da Conselharia para conversar com qualquer uma das conselheiras sobre insatisfações, sugestões etc.</p>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Gravidez compulsória para as mulheres;</li> <li>• Responsabilidade tradicional das mulheres com a criação e a educação dos filhos.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ganhar controle sobre a produção de filhos.</li> </ul>	<p>Em Fêmina, têm filhas as mulheres que assim o desejarem, no momento em que desejarem, através de inseminação artificial ou de relações sexuais com uma homoide (inserindo um cartucho de sêmen na mesma). Quanto à criação e educação das meninas, dá-se até os 10 anos integralmente nas Unidades de Educação e, dos 10 aos 20, parcialmente nessas instituições e parcialmente em casa com o acompanhamento de uma homoide.</p>

Fonte: Elaborada pela autora a partir do livro organizado por Heloisa Buarque de Hollanda (2019).

Ainda pensando em formas alternativas de lidar com as desigualdades em nossa sociedade, mais especificamente com a questão de gênero, Monique Wittig, ao longo de seu artigo, faz advertências importantes a nós leitores:

O matriarcado não é menos heterossexual do que o patriarcado: só o gênero do opressor é que muda. Além disso, não apenas tal concepção está ainda aprisionada nas categorias de gênero (mulher e homem), mas se prende à ideia de que a capacidade de parir (biologia) é o que define uma mulher.” (Ibid., p. 84).

‘[...] homens são biologicamente inferiores a mulheres; a violência masculina é uma inevitabilidade biológica...’ Ao fazer isso, ao admitir que existe uma divisão ‘natural’ entre mulheres e homens, nós naturalizamos a história, nós assumimos que ‘homens’ e ‘mulheres’ sempre existiram e sempre existirão. Não só naturalizamos a história, mas também, conseqüentemente, naturalizamos os fenômenos sociais que expressam nossa opressão, tornando impossível a mudança.” (Ibid., p. 84).

Assim, algumas vias do movimento feminista e lésbico nos levam de volta ao mito da mulher que os homens criaram especialmente para nós, e com isso nos afundamos de novo em um grupo natural. Tendo nos erguido para lutar por uma sociedade sem gênero, agora nos vemos presas na conhecida armadilha de que ‘mulher é maravilhoso’. Simone de Beauvoir sublinhou, em especial, a falsa consciência que consiste em escolher entre as características do mito (de que as mulheres são diferentes dos homens) aquelas que parecem boas e usá-las como uma definição para mulheres. O que o conceito ‘mulher é maravilhoso’ realiza é usar para definir mulheres as melhores características (melhores de acordo com quem?) que a opressão nos concedeu, e não questiona de forma radical as categorias ‘homem’ e ‘mulher’, que são categorias políticas e não dados naturais.” (Ibid., p. 86-87).

Essas advertências estarão, também, presentes no decorrer de *Fêmina*, visto que a aparente utopia em que vivem as mulheres na primeira parte do livro (parte em que vigora a inversão da hegemonia de gênero) será desmascarada na segunda parte (parte em que surgem os conflitos), dando espaço, finalmente, para a verdadeira utopia, na terceira parte do livro, em que os conceitos de gênero não mais existem e todos são vistos como iguais. Nessa terceira parte da narrativa, então, será posta em vigor uma das alternativas mencionadas por Teresa de Lauretis: a “androgenização (reivindicando a mesma experiência de condições materiais para ambos os gêneros [...])” (Ibid., p. 133). Quanto às outras questões relativas à diversidade humana (tais como: raça, idade, sexualidade), será seguida a sugestão de Donna Haraway, no artigo “Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX” (1985): “[...] as ideologias sobre a diversidade humana têm que ser formuladas em termos de frequências de parâmetros, tais como grupos sanguíneos ou resultados de testes de inteligência” (Ibid., p. 175). Assim, da mesma forma com que, em nossa sociedade, as pessoas não sofrem nenhum julgamento por possuírem sangue do tipo A+ ou O-, em *Fêmina*, ninguém será julgado pela cor de sua pele, por quem lhe provoca atração e assim por diante.

#### **4 O PROCESSO ORIGINÁRIO DA NARRATIVA: ESCRITA CRIATIVA**

Com inúmeras ideias efervescentes na cabeça a respeito da narrativa em criação, é chegada, enfim, a hora de transpor tais ideias para o papel e desenvolvê-las, tornando-as profundas, coerentes e belas. Para isso, a leitura de obras que versam sobre a arte da escrita, pertencentes à disciplina da Escrita Criativa, torna-se muito proveitosa — principalmente para autoras que, assim como eu, estão se aventurando na escrita de um romance pela primeira vez —, visto que trazem relatos de escritores profissionais, bem como dicas e técnicas que podem ser utilizadas durante o processo criativo.

O escritor brasileiro e professor de Escrita Criativa Luiz Antonio de Assis Brasil oferece várias dicas e comentários interessantes em seu livro *Escrever Ficção: Um manual de criação literária* (2019). De acordo com Assis Brasil, a pergunta que todo escritor sempre deve responder é porque ele deseja escrever uma determinada história. Minha resposta imediata para essa questão é: para colocar as relações de gênero em debate, inicialmente propondo uma inversão dos papéis femininos e masculinos em voga e, por fim, mostrando que nem a supremacia feminina nem a masculina são opções tão boas quanto a igualdade e o respeito mútuos. Quanto à minha segunda intenção, que se entrelaça com a primeira, é a de usar essa história como um meio de experimentar com a linguagem, ou seja, escrever de forma experimental, com a condição de que, no texto inteiro, só haverá uma única palavra masculina (a saber: Y, referindo-se aos homens, que possuem cromossomos XY). Tal condição representa um enorme desafio na adaptação de todas as palavras masculinas em femininas, mas, ao mesmo tempo, serve de estímulo, exatamente pela sua dificuldade, além de fazer sentido na lógica da narrativa.

Assis Brasil também afirma que, em narrativas longas, como novelas e romances, o personagem principal ou protagonista deve ser consistente e convincente, realizar várias ações ao longo da história e terminar com uma nova perspectiva de mundo. Segundo o professor, o personagem, quando bem construído, é quem dá sentido para tudo o que acontece na história. Para ser bem construído, um personagem precisa ser único (alguém que não pode ser confundido com outra pessoa), ter virtudes e vícios, bem como motivações, objetivos, preferências, contradições, uma determinada idade, uma história, um lugar para morar e tudo o que uma pessoa real teria e que seja relevante para o desenvolvimento do conflito na história. Com isso tudo em mente, eu criei uma Ficha de Personagem, com a extensão de duas páginas, para cada uma das personagens principais de *Fêmina*, chamadas Luxia (a protagonista), L30 (um androide, ou, em Língua Feminesa, uma homoide) e Vyola (a única mulher nascida e criada em Máchina). As fichas incluem todos os aspectos mencionados por Assis Brasil como significativos para a consistência dos personagens, juntamente com suas questões essenciais (que são componentes permanentes da personalidade que os personagens não conseguem controlar muito bem e que acabam por desencadear o conflito da história), e serão anexadas na próxima seção do trabalho.

Um bom conflito é outro elemento importante da ficção, segundo o professor, e deve sustentar o enredo, ser crível e estar relacionado à questão essencial do personagem. O conflito é um problema, algo que precisa ser mudado, e deve ser grande o suficiente para que o leitor continue virando as páginas a fim de descobrir como a situação será resolvida. Outro ponto

mencionado por Assis Brasil é que um dos conflitos mais poderosos é aquele que envolve duas circunstâncias negativas, e esse é exatamente o caso em *Fêmina*, que põe em confronto a atual inferioridade sociopolítica das mulheres com a futura e imaginada inferioridade sociopolítica dos homens. Sendo assim, ao longo da narrativa, Luxia, a protagonista, irá perceber que o mundo que ela conhece não é, de fato, bom nem perfeito, mas desigual, injusto e arbitrário assim como o mundo Pré-Revolução (que corresponde ao nosso mundo atual: Terra, Século 21). A partir dessa descoberta, ela tentará encontrar uma solução que traga circunstâncias positivas, resolvendo o conflito.

Além dos pontos já mencionados, para entrelaçar o personagem principal e sua questão essencial junto com os fatores externos e o conflito, toda história também precisa de um enredo. O enredo é o sistema que estrutura a narrativa e faz com que o conflito atinja seu ápice antes de ser resolvido. Ou seja, decidir o enredo é decidir como a história será contada, quais eventos serão narrados, quem será o narrador e assim por diante. Quanto à estrutura de *Fêmina*, ela será narrada em terceira pessoa, com focalização interna (focada em Luxia), e dividida em três partes: primeiramente, a parte aparentemente utópica (*Fêmina*), mostrando como o mundo é maravilhoso; depois, a parte distópica (*Máquina*), mostrando que coisas terríveis também acontecem nesse mundo; e, por último, a parte de conciliação entre os polos opostos do mundo, ou a parte verdadeiramente utópica (*Gêntina*), em que *Fêmina* e *Máquina* são unidas e reestruturadas, mostrando como um lugar, de fato, igualitário, livre e feliz deveria ser. Quanto aos eventos que farão parte do enredo e os prováveis capítulos da história, sempre mantendo a simetria, com múltiplos de 3, são eles:

**Fêmina** (Apresentação do cenário e preparação para a aventura)

- 1) 1/510/M1: Na primeira data da Nova Era da Milenária 1, as irmãs se encontram na praça central para comemorar as próximas 365 datas felizes que estão por vir.
- 2) 3/510/M1: Após uma data de recuperação, a costumeira data da Seleção amanhece chuvosa, o que faz com que as atividades sejam suspensas até a chuva passar. Enquanto isso, uma mulher e sua homóide desfrutam das horas de lazer.
- 3) 4/510/M1: A manhã surge acompanhada da Estrela Solar, e as irmãs seguem suas rotinas, participando da Seleção postergada. Luxia recebe uma proposta extraordinária e 3 datas para decidir se vai ou não aceitá-la.
- 4) 5/510/M1: Luxia, menos alegre e mais reflexiva do que o normal, encontra suas manas para falar sobre a Seleção e conjecturar sobre as datas futuras.



- 5) 6/510/M1: Ainda confusa, Luxia encontra-se com sua mana mais próxima para falar, sem muitos detalhes, sobre a proposta extraordinária que jaz à sua frente e pedir conselhos.
- 6) 7/510/M1: Depois de muito refletir sobre a proposta extraordinária, Luxia decide abraçá-la (ou sucumbe à curiosidade pelas coisas ainda não conhecidas) e se dirige à Unidade de Preparação.

### **Máchina** (Aventura: descoberta, mudança de conflito e revelação)

- 7) 8/510/M1: Tem início uma preparação intensa que pega todas as irmãs de surpresa.
- 8) 14/510/M1: Após a preparação intensa e surreal, as irmãs estão parcialmente traumatizadas e deveras revoltadas. É assim que elas são enviadas para Máchina.
- 9) 15/510/M1: As irmãs têm sua primeira interação com as bestas abomináveis chamadas de Y e vislumbram uma irmã muito diferente, a qual parece estar presa junto com as bestas.
- 10) 20/510/M1: Luxia estuda incansavelmente as bestas para poder escrever sua obra e decide (ou sucumbe à curiosidade de) conversar com a irmã Vyola.
- 11) 37/510/M1: Acompanhada por Vyola, Luxia adentra a Confinação e interage diretamente com um Y pela primeira vez.
- 12) 130/510/M1: Luxia e Vyola vêm se encontrando com os Y todas as noites, conversando e percebendo, cada vez mais, que não há tantas diferenças assim entre elas. As irmãs decidem compartilhar suas percepções com as demais, mas certas pessoas não se sentem confortáveis com a situação.

### **Gêntina** (Revolta e resolução)

- 13) 150/510/M1: Recorrendo à sua liberdade garantida de conferenciar com qualquer uma das conselheiras, Luxia consegue fazer com que Amoba desça até Máchina. Aproveitando-se dessa descida, Vyola assume, à força, a manipulação das elevadoras e começa a enviar os Y para Fêmina.
- 14) 151/510/M1: Com os Y na superfície, o segredo nacional vem à tona e a Nação torna-se caótica com a Revolução da Gente.
- 15) Algum dia em algum lugar: As pessoas vivem em equilíbrio, igualdade e respeito.

Vale dizer, ainda, que, para além desse fio narrativo principal, na primeira parte do livro, será desenvolvida paralelamente a relação perfeita de Luxia com sua homóide, ao passo que, na segunda parte, será desenvolvida a relação antagônica de Luxia e Vyola.

Ao dar dicas sobre os diálogos, Assis Brasil afirma que, hoje em dia, existem duas formas principais de marcar diálogos: com traços ou com aspas. No entanto, como a história de *Fêmina* se passa no mínimo uns quinhentos anos depois da nossa época atual, resolvi escrever as falas das personagens em itálico dentro do parágrafo para, ao mesmo tempo, experimentar novas possibilidades de escrita e representar a variação que ocorre em qualquer língua ao longo do tempo. A seguir, trago um exemplo de como será feita a marcação dos diálogos na narrativa:

Quando a medidora temporal marcou a Primeira Hora, a homoide falou *Bem-vinda de volta, Lux*. A mulher suspirou, dando um see-you-soon para a sonolência e abrindo a visão lentamente. A cama vibrava e emitia uma melodia animada. *Obrigada por me acordar, L30. Você é a melhor pseudomente de Fêmina* disse Luxia.

Além dessas e de muitas outras sugestões práticas feitas pelo autor ao longo de seu livro, também houve momentos em que Assis Brasil desmistificou a arte e o ofício da escrita e garantiu aos novos escritores que eles são capazes de escrever qualquer coisa que quiserem desde que se esforcem para isso. Ler tais colocações me ajudou a acreditar no potencial da minha história, assim como no meu próprio, mesmo que eu nunca tenha escrito algo tão longo e elaborado quanto *Fêmina*. Em suma, o livro como um todo me ajudou a transformar as inúmeras ideias soltas e abstratas da minha cabeça em cenas concretas, elementos e personagens que, eu espero, farão parte de um romance consistente e poderoso.

Outra obra relevante e que me auxiliou no processo de escrita foi *Mulheres e Ficção* (2019), originalmente publicado em 1979, de Virginia Woolf, que versa tanto sobre a escrita feita por mulheres quanto sobre as figuras femininas dentro da ficção.

Já de início, Woolf comenta o percurso histórico da escrita feminina e faz uma rica reflexão acerca de suas conexões com as condições socioculturais de cada época:

Numa ilha grega, houve Safo e um pequeno grupo de mulheres, todas escrevendo poesia seiscentos anos antes do nascimento de Cristo. Mas as mulheres se calaram. Tempos depois, por volta do ano 1000, vamos encontrar no Japão certa dama da corte, Shikibu Murasaki, que escreveu um romance imenso e belo. Mas na Inglaterra do século XVI, quando a atividade dos dramaturgos e poetas estava no auge, as mulheres ficaram mudas. A literatura elisabetana é exclusivamente masculina. Já no fim do século XVIII e no começo do XIX, voltamos a encontrar mulheres que escreviam – dessa vez na Inglaterra – com extraordinária frequência e sucesso.

As leis e os costumes, é claro, foram em grande parte responsáveis por essas estranhas intermitências de silêncio e fala. Quando a mulher era passível, como foi no século XV, de levar uma surra e ser jogada no quarto se não se casasse com o homem escolhido pelos pais, a atmosfera não era favorável à produção de obras de arte. Quando ela se casava sem seu próprio consentimento com um homem que desde então se tornava seu senhor e dono [...], é bem provável que ela tivesse pouco tempo para escrever, e ainda menos incentivo [...]

Está claro assim que a extraordinária explosão de ficção no começo do século XIX na Inglaterra foi prenunciada por inumeráveis pequenas mudanças nas leis, nos costumes e nas práticas sociais. As mulheres do século XIX tinham algum tempo livre e certo nível de instrução. Escolher o próprio marido não era mais uma exceção, só para

mulheres das classes altas. E é significativo que, das quatro grandes romancistas mulheres – Jane Austen, Emily Brontë, Charlotte Brontë e George Eliot –, nenhuma teve filhos e duas não se casaram. (WOOLF, 2019, p. 10-11).

Em contraponto às referidas condições dos tempos passados, a autora alude à nossa concepção atual de “como o esforço necessário à produção de uma obra de arte é anormal e que abriga e suporta para a mente o artista requer” (Ibid., p. 11). E, para além das já mencionadas, a autora também entende como condições determinantes para a vida das mulheres o número de filhos, se ela tem seu próprio dinheiro ou não, se tem seu próprio quarto, se tem empregadas e se divide o trabalho doméstico com alguém. Parece-me válido mencionar, ainda, a oposição referida por Woolf entre a mulher comum e a mulher incomum (escritora). Frente a tais colocações, parece-me que, felizmente, disponho de condições muito favoráveis à produção de *Fêmina* por ser uma jovem mulher incomum, sem filhos, concluindo a faculdade e já trabalhando, que vive com a mãe (por enquanto) e tem seu próprio quarto.

Outro ponto, desta vez um que, a princípio, me desfavorece, é a relação entre experiência e ficção. Nas palavras de Woolf, “É indiscutível que a experiência exerce grande influência sobre a ficção” (Ibid., p. 12). Sendo assim, por ser ainda jovem, não tenho vastas décadas de experiências vividas, o que pode acabar por limitar minha produção artística. No entanto, como toda mulher, eu já passei por diversas situações machistas e desagradáveis, muitas das quais servem de inspiração para trechos de *Fêmina*. Quanto ao que ainda me falta em idade e vivências, tentarei suprir com a imaginação. E, tomando novamente emprestadas as palavras de Woolf, já que “a prática moderna da arte é de algum modo um progresso em relação à antiga” (Ibid., p. 20), boa parte da minha experiência deve-se às mulheres incomuns que viveram antes de mim e não só deram início ao caminho que eu estou trilhando hoje, como serviram de inspiração para mim e para a minha arte.

Woolf, novamente com um viés histórico, fala também de grandes mudanças na escrita das mulheres, tais como: (1) “[...] ao que parece, foi uma mudança de atitude. A mulher escritora deixou de ser amarga. Deixou de se indignar. Quando ela escreve, não está mais protestando e defendendo uma causa” (Ibid., p. 14). Nesse ponto, novamente devo reconhecer minha divergência quanto ao que é proposto pela autora, visto que *Fêmina* é, ou virá a ser, um protesto em defesa de uma causa (a feminista), bem como um fruto da indignação com as injustiças mencionadas na seção anterior; e (2)

No começo do século XIX, os romances de mulheres eram em grande parte autobiográficos. Um dos motivos que as levavam a escrever era o desejo de expor o próprio sofrimento, de defender sua causa. Agora que esse desejo não é mais tão premente, as mulheres começam a explorar seu próprio sexo, a escrever sobre

mulheres como jamais tinham escrito antes; pois claro está que mulheres na literatura, até bem recentemente, eram uma criação dos homens [...]

Donde sua atenção ser desviada do centro pessoal, que a absorvia de todo no passado, para o impessoal, tornando-se seus romances naturalmente mais críticos da sociedade e menos analíticos das vidas individuais [...]

Seus romances tratarão das mazelas sociais e das soluções para elas. Seus homens e mulheres não serão totalmente observados na relação emocional que mantenham uns com os outros, mas sim por se juntarem e entrarem em conflito, como grupos e classes e raças. (Ibid., p. 16-17)

Quanto a esse ponto, eu, ao mesmo tempo, concordo e discordo, visto que minha narrativa engloba tanto a defesa de uma causa quanto uma crítica social vinculada ao meu próprio sexo.

Falando, a seguir, sobre as dificuldades que uma mulher tem de enfrentar antes de poder escrever como deseja, a autora afirma que:

Num romance, porém, que cobre tão grande extensão de terreno, um tipo comum e usual de frase tem de ser encontrado para conduzir o leitor, cômoda e naturalmente, de um extremo a outro do livro. E isso uma mulher deve fazer por si mesma, alterando e adaptando a frase corrente até escrever alguma que tome a forma natural de seu pensamento, sem esmagá-lo nem distorcê-lo. (Ibid., p. 14-15).

Devo confessar que esse desafio de encontrar a forma certa para conduzir a história ainda não foi totalmente desvendado por mim, mesmo que algumas páginas já tenham sido escritas e muitas ideias postas no papel. No início, debati-me incessantemente entre narrar em primeira ou terceira pessoas, indo e voltando na decisão; e mesmo depois de ter decidido narrar em terceira e escrito umas cinco páginas, mudei de ideia e comecei a transformar tudo em primeira pessoa. Então, mudei de novo e voltei para o que tinha escrito em terceira pessoa, abandonando a outra tentativa. Além disso, o texto está, atualmente, sendo escrito apenas parcialmente de acordo com as regras impostas por mim mesma relativas à Língua Feminesa (apresentada na próxima seção deste trabalho); a revisão total e a transformação de toda e qualquer palavra masculina ainda presente no texto será feita após a conclusão da narrativa.

Um efeito que se repetiu tanto na leitura do livro do Assis Brasil quanto na leitura do livro da Woolf foi a sensação de ser reconfortada e encorajada por determinados trechos, tais como os dois destacados a seguir: “Se somos escritores, todos os métodos estão corretos, qualquer método serve, desde que expresse o que é nosso desejo expressar” (Ibid., p. 26) e “A matéria apropriada à ficção’ não existe; tudo serve de assunto à ficção, todos os sentimentos, todos os pensamentos; cada característica do cérebro e do espírito entra em causa; nenhuma percepção é descabida” (Ibid., p. 29). Tais trechos ajudaram-me a perceber que não preciso me sentir inferior por ser uma escritora iniciante, mas sim focar na minha história, na mensagem que desejo passar e em desenvolver a minha própria voz literária.

Em um de seus artigos, Woolf descreve o “leitor comum” como diferente “do erudito e do crítico. Não é tão instruído, nem foi a natureza tão generosa ao dotá-lo. Ele lê por prazer, não para transmitir conhecimentos ou corrigir opiniões alheias” (Ibid., p. 30). A respeito desse leitor e também de seus pares eruditos e críticos, eu gostaria que a narrativa que estou criando atingisse e agradasse a ambos. Tal aspiração se assemelha à de Edgar Allan Poe para seu poema “O Corvo”, expressa em “A Filosofia da Composição”: “Deixamos de parte, por ser sem importância para o poema *per se*, a circunstância, ou digamos, a necessidade que, em primeiro lugar, deu origem à intenção de compor um poema que, a um tempo, agradasse ao gosto do público e da crítica” (POE, 1999, p. 2). Para atingir tal objetivo, penso em escrever uma história clara e direta quanto à narrativa principal, mas também espalhar enigmas para quem se propor a desvendá-los, bem como brincadeiras e sutilezas com a linguagem para quem, assim como eu, as aprecia.

Mais adiante, ao falar de Jane Austen e das irmãs Charlotte e Emily Brontë, Woolf menciona algumas das características das boas escritoras, tais como saber criar personagens multifacetados e bem desenvolvidos, propor uma boa imersão no mundo ficcional e mostrar uma perspectiva pessoal (no livro “visão filosófica da vida” Ibid., p. 49). Além disso, a autora diferencia os escritores entre os mais “autocentrados e contidos em seus limites” e os “de espírito mais eclético e aberto”, sendo que, em relação aos primeiros, acrescenta-se que “Nada lhes sai da mente que não esteja marcado pelo cunho pessoal [...] forjaram para uso próprio uma prosa que assume por inteiro a feição de sua mente; e que ainda por cima tem uma força, uma beleza, uma velocidade que lhe é peculiar” (Ibid., p. 48). Quanto a isso, não me vejo em nenhum dos extremos, e sim em um ponto intermediário entre esses dois tipos de escritores.

Por fim, é importar frisar que essas leituras me ajudaram de forma mais direta, mas que outras leituras (de ficção, crítica etc.) também contribuíram de forma indireta para o processo de escrita do romance. Sendo assim, e passando da análise do processo para a do produto, ou dos resultados, findo está seção e dou início à próxima.

## 5 A NARRATIVA: *FÊMINA*

Nesta seção, serão dispostos todos os materiais produzidos relativos ao futuro-romance *Fêmina*. Antes de trazer os trechos da história em si, e para manter o suspense, avançando aos pouquinhos, serão mostradas primeiramente as fichas de personagens e outras documentações ou rascunhos de ideias a serem melhor desenvolvidas.

Quanto às fichas de personagem, o modelo que criei, a partir das referidas leituras, e apliquei a todos os personagens centrais da narrativa foi o seguinte:

### **FICHA DE PERSONAGEM**

#### **Aspectos físicos:**

- Idade:
- Aparência:
- Voz:
- Maneira de caminhar:
- Postura:
- Gestos característicos:

#### **Aspectos sociais:**

- Nome:
- Nacionalidade:
- Classe social/situação financeira:
- Profissão:
- Condição profissional:
- Nível escolar:
- Relacionamento/Vida sexual:
- Crenças:
- Amigas:

#### **Aspectos psicológicos:**

- Temperamento/Personalidade:
- Objetivo de vida:
- Objetivo na história:
- Normas morais:
- Quais são suas atitudes diante das dificuldades:
- Qualidades/Virtudes:
- Defeitos/Fraquezas:
- Fobias:
- O que pensa sobre si mesmo:

- O que as outras pessoas pensam dela:
- Conflitos internos:
- Hipocrisias/contradições de conduta:
- Quais seus sentimentos mais frequentes:
- Pensa mais em si ou nos outros:
- É mais conservador ou progressista:

**Extra:**

- Por que esse personagem é raro/único (física e/ou psicologicamente)?
- Qual é o evento raro em sua história?
- Quais são suas mudanças ao final da narrativa?

A seguir, apresento as fichas dos personagens principais da história, bem como a que se refere à população feminiana num geral:

## **FICHA DA LUXIA**

**Aspectos físicos:**

- Idade: 30 (jovem adulta)
- Aparência: cabelo loiro raspado, sobrancelhas claras e grossas, corpo atlético, nada depilado. Veste regatas coloridas com calças largas ou macacões soltos. Não usa adornos.
- Voz: tagarela, fala de maneira mais acelerada que suas irmãs. Tem o costume de vocalizar palavras/frases na tentativa de pensar melhor, ter ideias etc. Quando deixa escapar algo não tão bom, logo compensa com algo positivo.
- Maneira de caminhar: veloz, ágil. Gosta de correr (tanto para locomoção quanto para exercício).
- Postura: coluna ereta, ombros abertos e cabeça elevada. É forte, atlética, flexível e saudável (bastante adepta aos exercícios).
- Gestos característicos: sorrir, tamborilar os dedos de maneira agitada ao pensar/nervosismo.

**Aspectos sociais:**

- Nome: Luxia

- Nacionalidade: Feminiana
- Classe social/situação financeira: a mesma de toda a população
- Profissão: Escritora
- Condição profissional: iniciando sua segunda década profissional na primeira opção selecionada.
- Nível escolar: profissional
- Relacionamento/Vida sexual: relaciona-se com sua homoide L30.
- Crenças: acredita na verdade acima de tudo, no poder da Mãe Natureza, na sabedoria das mais velhas, bem como nos lemas e crenças defendidos pela população em geral.
- Amigas: é amiga de todas as irmãs, virá a se tornar a melhor mana de Vyola.

#### **Aspectos psicológicos:**

- Temperamento/Personalidade: curiosa e questionadora (faz muitas perguntas, sempre quis saber como as coisas funcionam, por que elas acontecem, como são os corpos por dentro, como opera a mente humana etc.), determinada, insistente, virtuosa, inteligente, benévola, convincente, confiável, transparente, agitada, moralista, ingênua, criativa, divertida, não tem medos, educada, abre mão de alegrias pessoais pelo bem de todas, se esforça constantemente para melhorar, tem muita consciência social, justa, leal.
- Objetivo de vida: Escrever livros que iluminem a Nação, reforçando seus lemas e crenças perfeitos.
- Objetivo na história: cumprir sua tarefa de escrever um livro encomendado, assim como conhecer e entender a verdade escondida de todas as irmãs.
- Normas morais: jamais mentir; Liberdade, Irmandade e Felicidade (a LIF); coletividade é mais importante que a vida pessoal/individual; não se pode crer em nada sem provas; dar sempre o seu melhor.
- Quais são suas atitudes diante das dificuldades: não está preparada para isso, fica nervosa, ansiosa, precisa correr e escrever.
- Qualidades/Virtudes: honestidade, talento para escrever, esforçada, justa, amiga.
- Defeitos/Fraquezas: perder a calma facilmente, falar demais, ultrapassar limites.
- Fobias: violência, tudo o que for antiético, preconceituoso, de má índole etc.
- O que pensa sobre si mesmo: que é feliz, mas talvez não tanto quanto suas irmãs; que é grata pela vida perfeita que tem, mas que sempre pode melhorar (principalmente em relação aos seus nervos).



- O que as outras pessoas pensam dela: que é uma ótima escritora e irmã, muito inteligente e gentil, mas nem sempre a melhor companhia para se ter por perto (por falar demais, ser nervosa, agitada e por provocar o sentimento de vergonha alheia às vezes).
- Conflitos internos: ser, amanhã, melhor do que hoje, calma X nervosismo, verdade X mentira.
- Hipocrisias/contradições de conduta: se apegar a mentiras confortáveis ou fantasias para não ter de lidar com a verdade dura e imperfeita.
- Quais seus sentimentos mais frequentes: empatia, felicidade, amor, nervosismo, ansiedade
- Pensa mais em si ou nos outros: nos outros.
- É mais conservador ou progressista: progressista.

**Extra:**

- Por que essa personagem é rara/única (física e/ou psicologicamente)? Nega o padrão calmo e impassível da maioria das irmãs.
- Qual é o evento raro em sua história? Conhecer e divulgar a situação secreta dos Y.
- Quais são suas mudanças ao final da narrativa? Aprende que tudo tem dois lados, que não há verdade absoluta nem perfeição.

## FICHA DA L30

**Aspectos físicos:**

- Idade: construída na era feminiana 203 M1, aproximadamente 307 anos.
- Aparência: alta, sem seios, de cabelos castanho escuros, barba rala e corpo escultural. Veste roupas sociais e é toda revestida de *Skinlicone* para parecer um Y real, não depilado.
- Voz: calma, rouca e gentil.
- Maneira de caminhar: perfeita e silenciosamente.
- Postura: coluna ereta, ombros abertos e cabeça elevada. É incomensuravelmente forte.
- Gestos característicos: sorrir, juntar sua testa à de Luxia quando ela precisa se acalmar.

**Aspectos sociais:**

- Nome: L30
- Nacionalidade: construída em Fêmeina.

- Classe social/situação financeira: não se aplica.
- Profissão: homóide doméstica.
- Condição profissional: não se aplica.
- Nível escolar: não se aplica.
- Relacionamentos/Vida sexual: mantém relações com sua detentora quando ela as deseja.
- Crenças: Não se aplica
- Amigas: todas as mulheres, especialmente Luxia.

### **Aspectos psicológicos:**

- Temperamento/Personalidade: calma, gentil, solícita, honesta, prestativa, obediente, carinhosa, agradável, divertida, animada e muito inteligente.
- Objetivo de vida: manter sua detentora feliz.
- Objetivo na história: ajudar Luxia a atingir seus objetivos.
- Normas morais: (Leis de Isa Asimova) Primeira Lei - não ferir mulheres ou, por inação, permitir que uma mulher sofra algum mal; Segunda Lei - obedecer às ordens que lhe sejam dadas por mulheres, exceto nos casos em que tais ordens entrem em conflito com a Primeira Lei; Terceira Lei - deve proteger sua própria existência desde que tal proteção não entre em conflito com a Primeira ou Segunda Leis.
- Quais são suas atitudes diante das dificuldades: buscar uma solução, continuar tentando.
- Qualidades/Virtudes: inteligência, lealdade e disciplina.
- Defeitos/Fraquezas: manipulável (por qualquer mulher), dependente (de sua detentora, a qual é também seu maior ponto fraco).
- Fobias: não se aplica.
- O que pensa sobre si mesmo: não se aplica.
- O que as outras pessoas pensam dela: que é a homóide perfeita para sua detentora, assim como o são todas as outras.
- Conflitos internos: não saber o que fazer quando sua detentora deseja coisas conflitantes ao mesmo tempo.
- Hipocrisias/contradições de conduta: não se aplica.
- Quais seus sentimentos mais frequentes: não se aplica.
- Pensa mais em si ou nos outros: nos outros.
- É mais conservadora ou progressista: conservadora.

**Extra:**

- Por que essa personagem é rara/única (física e/ou psicologicamente)? Pois foi programada especificamente para satisfazer a todas as expectativas e desejos da irmã Luxia.
- Qual é o evento raro em sua história? Morrer protegendo os Y.
- Quais são suas mudanças ao final da narrativa? Não se aplica, pois esta é uma personagem plana.

**FICHA DA VYOLA****Aspectos físicos:**

- Idade: 23 (jovem adulta)
- Aparência: cabelo chanel escuros e com franja curta, sobrancelhas bem arqueadas e com uma cicatriz (adquirida ao “brincar/brigar” com algum Y na infância), completamente depilada, corpo forte, com algumas cicatrizes e muitas tatuagens (inclusive uma tatuagem que se assemelha a uma coleira). Veste roupas justas e pretas, tem treze argolas na orelha esquerda e costuma usar maquiagens chamativas.
- Voz: com outras mulheres, voz baixa e desinteressada. Com os homens, grita muito, briga/brinca e ri com vontade.
- Maneira de caminhar: intimidadora, pesada; caminha com os pés separados, mas com o tronco ereto e inflado, e sempre olhando para os lados, certificando-se de que não está sendo seguida ou observada.
- Postura: coluna ereta, ombros abertos, peito inflado e cabeça elevada entre os homens, mais encolhida e desconfortável entre as mulheres.
- Gestos característicos: fazer caretas, bater em/socar superfícies.

**Aspectos sociais:**

- Nome: Vyola
- Nacionalidade: Machiniana
- Classe social/situação financeira: a mesma de toda a população
- Profissão: encarregada dos Y
- Condição profissional: está em sua primeira década profissional, iniciada há 3 anos, na única opção que lhe foi oferecida. Desempenha, porém, uma função, de certa forma,

nova na nação (é a primeira encarregada dos Y a interagir com eles diretamente, visto que cresceu entre eles).

- Nível escolar: teoricamente profissional, no entanto não frequentou a Unidade de Educação.
- Relacionamento/Vida sexual: nunca teve um relacionamento, mas faz sexo esporadicamente sozinha ou com algum Y, às escondidas, assim como sua mãe.
- Crenças: acredita naquilo que vê com seus próprios olhos, como coisas concretas e ações, e desconfia de discursos e políticas.
- Amigos: é amiga dos homens e virá a se tornar a melhor mana de Luxia.

### **Aspectos psicológicos:**

- Temperamento/Personalidade: séria, desconfiada, agressiva, atrapalhada, corajosa, cheia de dúvidas, lenta, desinteressada, malandra, pouco educada, rude, mentirosa, mais individualista, explode facilmente, debochada, rebelde gosta de chocar/assustar as pessoas, competitiva.
- Objetivo de vida: sobreviver, em primeiro lugar, e poder desfrutar de bons momentos (ainda que poucos em quantidade).
- Objetivo na história: encontrar seu lugar nesse mundo dicotômico, conhecer sua própria história para entender a si mesma, parar de sentir raiva o tempo todo.
- Normas morais: cuidar de si mesma e dos Y (pois ninguém mais fara esse papel), desconfiar até da própria sombra, não demonstrar fraqueza.
- Quais são suas atitudes diante das dificuldades: explode de raiva; normalmente sai correndo, grita e precisa bater em objetos ou brigar/brincar com algum Y até não aguentar mais.
- Qualidades/Virtudes: forte, corajosa e companheira.
- Defeitos/Fraquezas: impulsiva, agressiva e mentirosa.
- Fobias: ser enganada e se sentir perdedora/insuficiente.
- O que pensa sobre si mesmo: que não se encaixa nem entre os Y nem entre as mulheres, que nasceu para ficar sozinha e que ninguém sentiria sua falta se desaparecesse.
- O que as outras pessoas pensam dela: que é estranha, uma anomalia, nojenta, um animal.
- Conflitos internos: Y X mulher, coragem X insegurança, pensar em si X pensar nos Y.
- Hipocrisias/contradições de conduta: apesar de afastar as outras pessoas e dizer para si mesma que prefere ficar sozinha, sente-se solitária e gostaria de ter com quem contar.

- Quais seus sentimentos mais frequentes: raiva, insegurança e pena (dos Y).
- Pensa mais em si ou nos outros: em si
- É mais conservador ou progressista: progressista

**Extra:**

- Por que essa personagem é rara/única (física e/ou psicologicamente)? por ter nascido em Machina e vivido os primeiros anos de sua vida em meio aos homens, ela é a antagonista completa de Fêmeina e todas as suas irmãs, tanto na forma de se vestir e agir (com roupas escuras e justas) como em seu temperamento (negativo, agressivo).
- Qual é o evento raro em sua história? ter nascido de uma relação sexual entre uma mulher e um Y e ter crescido no meio deles, interagindo diretamente e aprendendo a se comunicar com eles.
- Quais são suas mudanças ao final da narrativa? descobre que tem seu lugar ao sol, que cada pessoa é única à sua própria maneira, que não há nada de errado consigo e que é digna de admiração e capaz de ter amigas e ser amada.

## **FICHA DA POPULAÇÃO FEMINIANA**

**Aspectos físicos:**

- Idade: A expectativa de vida da população gira em torno dos 150 anos desde que hábitos saudáveis em relação à alimentação e exercícios foram adotados e desde que as doenças passaram a ser identificadas e tratadas já em seu surgimento com a ajuda das homoides. Há crianças em Fêmeina, porém não tantas assim, visto que nem todas as mulheres têm filhas. Do nascimento aos 10 anos, as crianças moram nas Unidades de Educação, sendo criadas e educadas pelas Educadoras e visitadas por suas manas mais próximas (ou seja, suas “mães”). Dos 10 aos 20 anos, as jovens passam a morar com suas homoides e a frequentar as Unidades de Educação diariamente. A partir dos 20 anos, então, cada mulher escolhe a profissão à qual irá se dedicar na década vindoura e pode ter de se mudar ou não dependendo da profissão; algumas continuam com suas homoides após essa idade, outras não. A partir dos 20 anos, também, as mulheres podem participar dos processos decisórios da Nação. As mulheres em Fêmeina amam, aproveitam e respeitam todas as idades de uma pessoa, mas há um consenso sobre esse amor e respeito crescerem proporcionalmente à idade da mulher, uma vez que a experiência, a sabedoria e o tempo de contribuição para a Nação elevam o caráter de qualquer uma. Por isso,

todas as mulheres amam fazer aniversário. Na parte superior (Fêmina), por se tratar de uma utopia, não há preconceitos; já na parte inferior (Machina) há certo preconceito com as profissionais mais jovens.

- Aparência: Ainda que a liberdade de expressão tenha atingido seu estágio máximo em Fêmina e que as mulheres possam se expressar da maneira que bem entenderem, a maioria delas tem cabelos curtos (por praticidade), usam roupas soltas e confortáveis costuradas por si mesmas ou por suas homoides e sapatos simples e confortáveis também. Em geral, as mulheres em Fêmina não ligam para estética, por isso é raro (mas possível) ver alguma com maquiagem, piercings ou qualquer adorno artificial e/ou desconfortável.
- Voz: a maioria das mulheres tem um tom de voz calmo e suave, demoram para responder, pois ponderam antes de falar, e geralmente terminam suas falas em tons elevados, deixando transparecer sua alegria e disposição.
- Maneira de caminhar: a maioria das mulheres caminha calmamente, porém de forma ágil, olhando a paisagem em volta e aproveitando o passeio.
- Postura: a maioria das mulheres mantém a coluna ereta na maior parte do tempo, ombros abertos e cabeça elevada (postura correta para não ter dores). São fortes e saudáveis.
- Gestos característicos: todas as mulheres sorriem muito.

#### **Aspectos sociais:**

- Nomes: as mulheres em Fêmina têm apenas nomes (não há sobrenomes).
- Nacionalidade: Feminianas
- Classe social/situação financeira: todas as mulheres têm as mesmas condições de vida, com os mesmos direitos e deveres. Não há dinheiro, nem posses; as mulheres passam a morar em pequenas habitações quando atingem os 10 anos de idade, colhem frutas e vegetais pela cidade e podem também comer proteínas sintéticas.
- Profissões: Todas as profissões são consideradas públicas em Fêmina, sendo alguns dos exemplos: administradoras, conselheiras, escritoras, gestoras ambientais, desenvolvedoras tecnológicas, educadoras, agricultoras, construtoras, psicólogas, engenheiras, veterinárias, gestoras de turismo, pilotas de avião, arquitetas, artistas plásticas, atrizes, dançarinas, designers, fotógrafas, historiadoras, musicistas, cientistas de todas as áreas, filósofas (geralmente mulheres mais velhas), jornalistas digitais, dentistas, médicas e farmacêuticas.

- Condições profissionais: As mulheres são caracterizadas como estando em sua primeira, segunda, terceira etc. década profissional, sendo que, a cada década, elas podem escolher se vão continuar na mesma profissão ou partir para uma nova opção.
- Níveis escolares: Nível básico até os 10 anos. Nível geral até os 20. Nível profissional a partir de então.
- Famílias: Conceito inexistente em Fêmeina, por isso não aparece nas outras fichas. Vale ressaltar, porém, que todas as meninas têm uma mana mais próxima (antigamente chamadas de “mães”), com a qual convivem a partir de seus anos iniciais, e convivem também com muitas outras irmãs da Nação com quem desenvolvem relações de amizade, amor, intimidade etc.
- Estados civis: Conceito inexistente em Fêmeina, por isso não aparece nas outras fichas. Vale ressaltar, porém, que não há casamentos ou outro tipo de união oficial em Fêmeina, mas que as mulheres podem manter relações entre si ou com suas homoides, e podem viver com suas companheiras se assim desejarem.
- Relacionamentos/Vida sexual: há relacionamentos entre duas mulheres e entre mulheres e homoides. O sexo pode ser feito com outras mulheres, com as homoides ou sozinhas (masturbação). Para as mulheres que decidem engravidar, é necessário ir até a Unidade de Reprodução, com ou sem sua homoide, para fazer a fertilização; para as que forem com a homoide, ela mesmo faz a fertilização em uma prática sexual normal; para as que forem sozinhas ou com outra mulher, podem ser fertilizadas por uma profissional especializada (in vitro) ou por alguma homoide da Unidade.
- Residências: consistem em pequenas habitações com uma peça de dormir, uma peça de higiene e uma peça dinâmica de lazer, dever e alimentação.
- Rotinas: Em geral, a rotina das mulheres segue um padrão de intercalação de 2 horas de trabalho/estudo e 1 hora para comer + tempo livre, conforme exemplificado a seguir:  
Hora Uma = acordar, comer, fazer alongamentos matinais, tomar banho, sair  
Horas Dois e Três = trabalho/escola  
Hora Quatro = comer, tempo livre  
Horas Cinco e Seis = trabalho/escola  
Hora Sete = comer, tempo livre  
Hora Oito = trabalho/escola  
Hora Nove = exercícios, meditação  
Hora Dez = comer, tempo livre

Hora Onze e Doze = tempo livre

Hora Treze = comer, relaxar

Hora Catorze = tempo livre

Horas Quinze a Vinte e Quatro e 59 = dormir

Vale dizer, ainda, que em Fêmeina todos os dias são dias úteis (não há fim de semana), com exceção dos dias de chuva, em que todas as atividades são suspensas até parar a chuva.

- Crenças: Acreditam apenas naquilo que pode ser comprovado pela Ciência e no poder e importância da Mãe Natureza, que dá tudo de que elas precisam. Não idolatram o passado (em que o conhecimento era mais limitado), mas sim o avanço do presente e o futuro.
- Amizades: todas as mulheres se amam e se ajudam como irmãs, mas obviamente há laços de afinidade maiores entre certas mulheres, que buscam mais a companhia umas das outras como em qualquer amizade.

#### **Aspectos psicológicos:**

- Temperamentos/Personalidades: tranquilas, perspicazes, não tem medos, eficientes, divertidas, sábias, seguras, determinadas, educadas, gentis, honestas, agradáveis, bondosas, diretas, pacientes, de boa natureza, temperamento controlado, não se irritam facilmente, não expressam horror nem surpresa, curiosas, muito racionais, não correspondem ao estereótipo feminino (fútil, fraco etc.), inteligentes, puras, bem-intencionadas, sem traços de malícia ou deboche, mentes dedutivas e conclusivas, cooperam umas com as outras, abrem mão de alegrias pessoais pelo bem de todas, observadoras, se esforçam constantemente para melhorar, têm muita consciência social, são justas, leais, não são submissas nem dóceis, não têm vergonha, transparentes.
- Objetivos de vida: viver sob o lema da Liberdade, Irmandade e Felicidade (a LIF), ajudando a Nação e dividindo suas alegrias com suas irmãs.
- Objetivos na história: continuar sendo um exemplo de perfeição, em que todas as participantes são completamente felizes e realizadas.
- Normas morais: Liberdade, Irmandade e Felicidade; coletividade é mais importante que a vida pessoal/individual; não se pode crer em nada sem provas; dar sempre o seu melhor etc.
- Atitudes diante das dificuldades: as mulheres em Fêmeina nem sequer concebem a ideia de dificuldade, já que suas vidas são perfeitas.



- Qualidades/Virtudes: todas as citadas em Temperamento e personalidade.
- Defeitos/Fraquezas: cegueira moral, ilusão de perfeição.
- Fobias: tudo o que for antiético, preconceituoso, de má índole, violento etc.
- O que pensa sobre si mesmo: a depender de cada personagem.
- O que as outras pessoas pensam dela: em geral, coisas boas.
- Conflitos internos: ser, amanhã, melhor do que hoje (conflito fraco), manter a calma sempre etc.
- Hipocrisias/contradições de conduta: a situação secreta dos homens (para aquelas poucas que a conhecem).
- Quais seus sentimentos mais frequentes: amor, alegria, plenitude, diversão, empatia.
- Pensa mais em si ou nos outros: nos outros; principalmente no bem geral e não no de pessoas específicas.
- É mais conservadora ou progressista: conservadoras, não pensam que nada em suas vidas deveria ser diferente.

#### **Extra:**

- Por que essa população é rara/única (física e/ou psicologicamente)? é única em sua diversidade e respeito a todas as mulheres, independente de sua aparência, idade, preferências etc., além de todas as características apresentadas anteriormente, às quais tornam particular essa população em comparação com qualquer outra que tenha existido na realidade ou na ficção.
- Qual é o evento raro em sua história? A Grande Revolução: por volta dos anos 2100, teve início a primeira etapa da Grande Revolução (preparação), que consistia em corromper os zigotos que possuísem cromossomos Y, impedindo, assim, o nascimento de mais homens. Quando as pessoas perceberam e estranharam o fato de só haver nascido mulheres nos últimos tempos, teve início a segunda etapa da Grande Revolução (destruição), em que os Y já nascidos passaram a ser exterminados, bem como seus estilos de vida, cidades, tecnologias etc. Veio, então, a terceira e última etapa da Grande Revolução (reconstrução), que dura até os dias atuais, ainda que de maneira menos intensa, com a reescritura da história, reestruturação da vida, reedição dos livros, reinvenção de tecnologias etc., tudo de acordo com os novos princípios.
- Qual suas mudanças ao final da narrativa? A população vem a conhecer, questionar e repensar não apenas a situação dos Y, mas toda a realidade como ela a conhece.

- Há o estado ainda? Há as Conselharias Local e Mundial, compostas por mulheres escolhidas pela população devido à sua dedicação às suas áreas de trabalho e contribuições para a Nação. Essas mulheres debatem cada decisão até chegar a um consenso e estão sempre dispostas a ouvir e considerar os pronunciamentos de qualquer cidadã.
- Há grandes corporações? Não. Há Unidades responsáveis por cada setor trabalhista, as quais, por sua vez, obedecem às decisões das Conselharias, que, por sua vez, obedecem às vontades gerais da população.
- Como funciona a economia? As mulheres trabalham para a Nação; tudo o que é produzido por elas pertence à Nação e é distribuído igualmente à população a partir de suas necessidades e desejos.
- Há ricos e pobres? Não. Todas as cidadãs pertencem à mesma classe/situação social, tendo os mesmos direitos e deveres.
- Qual é a liberdade de circulação da informação? As informações reconstruídas de acordo com os novos princípios circulam livremente entre e a população e são ensinadas nas escolas. Já as informações a respeito do passado ou tudo aquilo que ainda não foi “reconstruído” é de conhecimento apenas das Conselheiras e das poucas mulheres que trabalham e vivem em Machina lidando com tais informações.
- Qual é a liberdade de circulação das pessoas pelas cidades, estados, países etc.? As mulheres podem circular livremente por toda Fêmina, com exceção de Machina (a qual só conhecem as Conselheiras e as mulheres que foram designadas para trabalhar lá e nunca retornar). A maioria das mulheres se muda conforme a necessidade de suas profissões; viagens turísticas, porém, também ocorrem frequentemente.
- Como é a divisão geopolítica do mundo? Todo o mundo é uma grande nação.
- Há eventos mundiais? Sim. Por exemplo, as reuniões da Conselharia Mundial, eventos artísticos e de divulgação científica, os quais podem ser assistidos pela população a partir de suas habitações.
- Há feriados? Sim. Nova Era (aniversário da Terra).
- A respeito das línguas: as regras da Língua Feminesa se aplicam a todos os dialetos existentes no planeta. Ainda que diferentes lugares usem diferentes nomes para se referir às coisas, todos seguem as regras e banimentos da Língua Feminesa.

Quanto à Língua Feminesa, idioma falado em *Fêmina*, e suas regras, têm-se que:

**História:** A Grande Revolução englobou não apenas todas as esferas da vida social e política mas também a língua de sua população, tirando da boca das pessoas tudo aquilo que deveria ser tirado de suas mentes e de sua realidade.

**Gênero:** há um único gênero na Língua Feminesa: o feminino.

**Artigos definidos:** a / as

**Artigos indefinidos:** uma / umas

**Preposição + Artigo definido:**

- a = à / às
- de = da / das
- em = na / nas
- por = pela / pelas

**Pronomes pessoais retos:**

- 1 pessoa = eu / nós, a gente
- 2 pessoa = você / vocês
- 3 pessoa = ela / elas

**Pronomes pessoais oblíquos:**

- 1 pessoa = me, mim, comigo / nos, nós
- 2 pessoa = te, ti, contigo
- 3 pessoa = a, as / lhe, lhes / la, las / na, nas

**Pronomes reflexivos:** se, si, consigo

**Pronomes possessivos:** minha, minhas / tua, tuas / sua, suas / nossa, nossas

**Pronomes demonstrativos:** esta, estas / essa, essas / aquela, aquelas / tal

**Pronomes relativos:** a qual, as quais / cuja, cujas / que / quem / onde

**Pronomes interrogativos:** que / quem / qual, quais / quanta, quantas

**Pronomes indefinidos:** alguma, algumas / nenhuma, nenhuma / toda, todas / outra, outras / muita, muitas / pouca, poucas / certa, certas / várias / tanta, tantas / quanta, quantas / qualquer, quaisquer / alguém / ninguém / nada / cada

**Verbos:** sem “s” na 2 pessoa do singular e sem “ais”, “eis” e “is” na 2 pessoa do plural. Por exemplo: eu estudo, você estuda, ela estuda, nós estudamos, vocês estudam, elas estudam.

**Numerais:** uma, duas, três... / primeira, segunda, terceira... / duas vezes / metade / uma terça parte de

Tudo **próclise**, sem ênclise ou mesóclise para facilitar a vida (praticidade > estética)

**Formação de palavras – Sufixos femininos:**

- |         |         |         |        |
|---------|---------|---------|--------|
| • ã     | • ede   | • iça   | • oga  |
| • aca   | • ega   | • ice   | • ola  |
| • aça   | • ege   | • icha  | • ole  |
| • ada   | • eia   | • ícia  | • oma  |
| • afa   | • eira  | • ida   | • ona  |
| • aga   | • ela   | • ida   | • onha |
| • agem  | • elha  | • idão  | • ora  |
| • aica  | • em    | • ide   | • ória |
| • al    | • ema   | • il    | • orme |
| • alha  | • ena   | • ila   | • osa  |
| • ama   | • ença  | • ilha  | • osca |
| • ana   | • ência | • ina   | • ota  |
| • ança  | • enga  | • inha  | • oxa  |
| • ância | • ense  | • inte  | • são  |
| • ante  | • enta  | • isa   | • uça  |
| • ar    | • ente  | • isca  | • uda  |
| • ara   | • er    | • ista  | • uga  |
| • arco  | • era   | • ita   | • ugem |
| • aria  | • esa   | • ite   | • unha |
| • ária  | • esca  | • itude | • ura  |
| • arra  | • essa  | • iva   |        |
| • asca  | • este  | • ível  |        |
| • asta  | • estre | • iz    |        |
| • ável  | • eta   | • logia |        |
| • ção   | • ete   | • mana  |        |
| • dade  | • ez    | • morfa |        |
| • doura | • eza   | • nea   |        |
| • ea    | • ia    | • ó     |        |
| • eca   | • íaca  | • oa    |        |
| • eda   | • ica   | • oba   |        |

**Algumas regras para a feminização das palavras:**

- Quando possível, trocar somente o artigo.
- Palavras terminadas em “o”, trocar por “a”.
- Palavras terminadas em “u” ou “s”, adicionar “a”.
- Palavras terminadas em “ão”, trocar por “oa”, “ã” ou “ona”.
- Palavras terminadas em “r”, adicionar “a”, “eira” ou “iz”.
- Palavras terminadas em “eu”, trocar por “eia”.
- Palavras terminadas em “éu”, trocar por “oa”.
- Exemplos de palavras feminizadas: o planeta > a planeta, nome > nomeação, livro > livratura, canil > canilaria, computador > computadora, céu > tela celeste etc.

**Extras:**

- Acentos e pontuação normal.
- Plural “s” normal.
- Tentar usar o verbo “irmanar”.
- Marcar a calma, paciência e “demora para responder” com reticências antes de cada resposta.
- Falares que sempre terminam em tons elevados, mostrando emoção, alegria, disposição etc.

**BANIMENTOS:**

- Estão banidas todas as palavras masculinas com exceção de “o/os Y” (referindo-se a homem/homens). Essa palavra, porém, só pode ser utilizada em Machina ou pelas conselheiras e preparadoras.
- Estão banidas todas as palavras referentes a sentimentos ou sensações ruim – tais como ódio, raiva, tristeza, confusão, dor –, as quais devem ser substituídas por “sensação não tão boa” ou “não tão bem”.

Encaminhando-nos, finalmente, para a ficção, apresento alguns trechos de episódios da história.

**Trecho do capítulo 1, intitulado “1/510/M1”** (lê-se data uma da era feminiana 510 da milenária uma):

Luxia caminhava, uma pata após a outra pisando a trilha fotoenergética que pairava sobre a infinita grama verdilhante da Vila Rosa Norte. A trilha estava quente e rosada após absorver a energia de Solária desde a manhã. Luxia ia para a Praça Central comemorar a Nova Era com suas irmãs. Como aquela era uma data festiva, muitas mulheres tinham suas faces pintadas e vestiam roupas extravagantes pelas ruas. Luxia estava com a camisa amarela da farda de uma de suas séries favoritas e uma calça preta mais justa do que o normal. Além do burburinho das mulheres conversando aqui e ali, sempre dava para ouvir diversas melodias passarinhas vindas da tela celeste.

**Trecho do capítulo 2, intitulado “3/510/M1”:**

Quando a medidora temporal marcou a Primeira Hora, a homoide falou *Bem-vinda de volta, Lux*. A mulher suspirou, dando see-you-soon para a sonolência e abrindo a visão lentamente. A cama vibrava e emitia uma melodia animada. *Obrigada por me acordar, L30. Você é a melhor pseudomente de Fêmeina* disse Luxia.

Ela virou para a esquerda, olhando pela parede ainda transparente da peça de dormir e viu que a Natureza estava revoltada hoje. Suas filhas haviam dançado e festejado e rido e aproveitado até se fartar na primeira data de 510, mas agora, de ponta a ponta na direção oriental, não havia sinal de Solária. As montanhas sorridentes não estavam sendo abraçadas pela Estrela Solar (que teve de se ausentar), nem as irmãs de toda a vizinhança estavam sendo presenteadas com as mil mãos calorosas da Mãe Sol. Aparentemente, aquela seria uma data de folga. Além da tela celeste estar nublada, havia várias nuvens e uma ventania que anunciavam: *Mana, fica na cama que hoje tem chuva, tem brisa e tem lama*. A Mãe Natureza iria se banhar e se livrar de quaisquer impurezas acumuladas com a rotina. Luxia suspirou e começou a bater a pata agitadamente. Há muitas datas ela aguardava a chegada desta manhã. Ela franziu as sobrancelhas e comprimiu a boca. Acordar e descobrir que a data seria de folga causava uma reação não tão boa assim.

Nua e sentada na cama, Luxia ficou parada por algumas minihoras, mas logo balançou a cabeça, sorriu e decidiu aproveitar as oportunidades maravilhosas que teria pela frente. Afinal de contas, a Seleção seria transferida para a próxima data útil – amanhã ou depois ou logo em seguida – e tudo ocorreria perfeitamente. O melhor era aproveitar. *L30, a data de hoje é nossa. Como acha que devemos começar?* perguntou a mulher. *Hm. Águas quentes, essências florais e esfoliações* palpitou a homoide. Luxia se exaltou, se exultou. A dentição inteira exposta em uma curva U: *Você sempre acerta precisamente! Não erra nunca!* L30 sorriu e caminhou até a peça de higiene enquanto Luxia continuava falando *Depois quero uma massagem corporal*

*completa. E já que hoje é folga, não vou fazer as alongações matinais. A homoide a interrompeu para anunciar A banheira está pronta, Lux, e a massagista está ansiosa. L30 sempre dava as melhores respostas que uma mulher poderia imaginar. Ou melhor, que ela, Luxia, podia imaginar. Afinal, se essa homoide pertencesse a outra irmã, ela teria sido programada de acordo com vontades e preferências distintas.*

Luxia deu as costas à parede e foi até a peça de higiene. Afundou a pata esquerda na água sem a menor dúvida de que a temperatura estaria perfeita: quente, mas não queimando. Depois de sentar com as pernas bem esticadas e sentir a deliciosa carícia da água por todas as extensões inferiores, a mulher se inclinou para trás e repousou a cabeça na borda da banheira. Ela apertou uma tecla e a água começou a borbulhar e gerar espuma. Em menos de 5 minutos, Luxia já estava limpa, mas continuou na banheira aproveitando a caloria da água. Antes de sair, submergiu a cabeça rapidamente para lavá-la e pensou na energia e dedicação que poupava diariamente desde que começara a usar as madeixas raspadas. Não precisava mais de uma máquina de espuma capilar, nem daquela esfregação toda. Luxia era uma mulher livre. Assim como todas as irmãs, mesmo as que optavam por manter a cabeleira. A LIF veio à mente e ela a recitou: *Liberdade, Irmandade, Felicidade!*

*Viva!* exclamou a homoide *Está pronta para a massagem, Lux?* Pingando em cima da tapeçaria, a mulher falou: *Secar.* E as secadoras foram acionadas. *Agora estou* disse logo após, já completamente seca.

Luxia pulou na cama com as costas para cima e aguardou. L30 começou pelas patas, aplicando a pressão exata para não causar cócegas nem dor. Foi então para as panturrilhas, subindo pelas coxas, bunda e chegando, finalmente, às costas. A homoide se demorou por ali, relaxando as tensões musculares e proporcionando sensações prazerosas. Em seguida, a mulher se virou e toda a rota, das patas à cabeça, se repetiu. Deixando o melhor por último, depois até mesmo da massagem facial, L30 desceu novamente e se dedicou à zona sagrada. Depois, a homoide se afastou da cama, deixando Luxia totalmente relaxada e satisfeita. L30 parou ao lado da porta. A hora virou e trouxe divagações à mente de Luxia. A Seleção estava suspensa. Por causa da chuva. *Ó Mãe Natureza, por que não me ajuda?*

Quando olhou novamente para a homoide, a mulher ouviu sua barriga roncar. *L30, adivinha a comida de hoje.* E a homoide rebateu prontamente: *Hortalças com protECOína grelhada?* A mulher sorriu, mas negou com a cabeça. *Essa opção tinha uma probabilidade de 54%, a próxima seria...* A risada se alargou: *Acho melhor você calcular a opção mais improvável de todas. Qual seria a última coisa a ser comida por uma mulher na data de hoje?*

A homoide olhou para a esquerda por 2 minihoras, processando. *Massa Mari?* Luxia nem precisou responder, a expressão em sua face indicava que aquela era a resposta correta.

E logo começaram a cozinhar. Uma moía as sementes enquanto a outra temperava as claragemas. Depois, uma fazia a massa enquanto a outra cuidava da cobertura. Em menos de meia hora, estavam sentadas comendo. Luxia se deliciava com a refeição a ponto de deixar escorrer uma trilha de cobertura pela mandíbula. L30 servia a água, alcançava a pimenta e fazia mais uma massagem suave para aumentar a relaxidão. A mulher parou de comer naquela ocasião em que não há mais fome nem gula, ambas vencidas, e deitou nas tapeçarias e almofadas para ler.

Muitas atividades ainda foram realizadas nessa data após a leitura de algumas centenas de linhas. Luxia saiu para correr, se alimentou mais algumas vezes, meditou e se lamentou mais algumas vezes pela transferência da Seleção. Por fim, decidiu que a melhor alternativa era se divertir e distrair. Iria se reunir com algumas irmãs para conversar, comer e jogar sinuca.

### **Trecho do capítulo 3, intitulado “4/510/M1”:**

Desta vez, a Hora Uma chegou acompanhada da Estrela solar, e, quando a homoide falou *Bem-vinda*, Luxia já levantou. *Ok, é hoje* ela falou *Só quero resolver isso logo. Chegar cedo, descobrir a charada, selecionar e ter a próxima década da minha vida definida*. Mais dez eras dedicadas à escrita, que delícia. Mas agora ela não queria mais escrever sobre mentiras, e sim sobre verdades. Apesar de ainda não saber exatamente qual. Ela lembrou que tinha uma ideia antiga sobre alienígenas que se comunicavam com linguagem corporal... Talvez essa fosse uma bela opção a ser explorada. De qualquer forma, era melhor deixar para pensar nisso na volta.

Luxia se banhou, alongou, comeu e saiu. A Unidade de Seleção ficava a umas quatro quadras, e ela decidiu correr de leve até lá. Chegou rápido. Tinha só mais duas irmãs na recepção e várias cadeiras vazias. A tela na parede exibia sete cores e a formação de uma sequência a partir delas. A questão era descobrir a ordem certa. Luxia não gostou. Probabilidade não era a sua praia, ela queria algo de criatividade, como na década passada. Mesmo contrariada, começou a anotar possíveis combinações e testá-las.

### **Trecho do capítulo 4, intitulado “5/510/M1”:**

As mulheres se encontraram na peça social, todas animadas, hidratadas, cheirando a flores e prontas para se divertir. Entre uma medusa cozida aqui, vitamina de laranja ali, muita música dançante e a pontuação imbatível de Luxia na sinuca, elas falaram sobre a Seleção e



suas escolhas. A maioria havia se mantido nas mesmas profissões, algumas iriam trocar de região, mas uma delas se manteve calada quanto às datas futuras. Luxia parecia alheia às conversas, focada apenas na sinuca. Naquela noite, levou muitas dúvidas consigo para a cama e dormiu agitada, sonhando com livraturas voadoras, robonetas defeituosas e chuva, muita chuva.

### **Trecho do capítulo 7, intitulado “8/510/M1”:**

Aquela filósofa antiga, da qual Luxia não conseguia recordar a nomeação, em determinada data disse ou escreveu que uma mulher jamais poderia entrar duas vezes nas mesmas águas, porque, na segunda vez, as águas não seriam as mesmas, nem a mulher. Luxia sempre concordara com ela, gostava dessa conclusão. Era uma daquelas ideias que a faziam aproveitar melhor todas as situações, vivê-las como se fossem únicas. Mas até então aquilo era só uma ideia, uma frase, uma inspiração. Agora não. Agora ela podia sentir a mudança em cada uma das células de sua estrutura corporal. Depois daquela gravação, Luxia não era mais a mesma. Não era mais Lux. As portas da elevadora abriram e ela se lembrou da nomeação da mulher: Heráclita. Ao olhar para a rua, Luxia viu que, assim como na teoria de Heráclita, não só a pessoa mudava, mas tudo o que estava à sua volta também. A sua realidade não era mais a mesma. Ela tinha perdido a luz, tinha perdido a perfeição.

### **Trecho de uma lembrança da História de Fêmeina:**

Luxia lembrou do que havia aprendido nas aulas de História: das eras passadas, também chamadas de eras pesadas, da Grande Revolução, das bestas e de toda aquela subvida nada boa. Pelo que contavam, lá pela era 2100 da contagem ultrapassada, pré-Revolução, uma turma de mulheres se reuniu e acabou por dar início a uma ousada brincadeira, que veio a se tornar uma grande missão e resultou na reconstrução de toda a realidade. Seus nomes eram 1, 2, 3, 4 e 5. Cansadas de ver suas antepassadas irmãs sofrendo e morrendo, essas 5 heroínas começaram por sonhar com uma vida melhor, mais feliz. Junto a essa fantasia, a conclusão da pesquisa de 1 havia identificado que, com uma alteração mecânica e reprogramação, uma máquina de ultrassom se tornava capaz de interferir na definição de gênero do gameta. 2 se entusiasmou com a descoberta e começou a fazer propaganda para todas as suas amigas. 3 absorveu a ideia com muito interesse e extraiu dela conclusões particulares, as quais serviram de base para sua vida política. 4 não estava prestando muita atenção, pois estava sofrendo em demasia com a perda de sua companheira, espancada até a morte pelo marido corno e ciumento. Foi 5 quem deu o basta e chamou todas as amigas à ação. 3 se empolgou e compartilhou suas ideias

mirabolantes, completamente apoiadas por todas as mulheres presentes, com exceção de 1, que ficou apreensiva, insegura. Mas isso era o que ela sempre sentia. Ela e todas as suas irmãs. E elas estavam cansadas disso. Decidiram trocar a insegurança pela insolência, pela vingança, pela autoridade.

Finalizo, agora, os trechos com o grito de guerra da Grande Revolução Feminiana, inspirado pela música de abertura do desenho (versão brasileira) *O Clube das Winx* (2004):

*Eu sei que você (5)*

*Quer ser uma de nós (6)*

*Juntas somos invencíveis (7)*

*Venceremos nosso algoz (7)*

*Nós somos irmãs (5)*

*Nossa força é a união (7)*

*Nos tornamos poderosas (7)*

*Quando damos nossas mãos (7)*

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chega, então, ao fim esta etapa do estudo — ou seja, o presente TCC —, mas não o estudo *per se*, já que muito ainda há de ser feito, inclusive a escrita do referido romance. Como frutos deste trabalho, têm-se, em primeiro lugar, o aprofundamento da compreensão acerca dos assuntos estudados, acompanhada da organização, tangibilidade e reflexão (às quais trazem junto uma maior confiança) acerca de um projeto artístico (*Fêmina*) e um pessoal (ser escritora) almejados por longo tempo. Espera-se, ainda, que este estudo tenha conseguido colocar em destaque as relações desiguais de gênero, destacando sua profundidade e relevância para a organização societal, bem como propor novas formas de lidar com e visualizar a situação.

Cabe ressaltar, ainda, o quanto a execução deste trabalho aprofundou não apenas meu conhecimento sobre os campos estudados mas também minha paixão por eles. Pois, ainda que eu já gostasse muito de Ficção Científica — e, por isso mesmo, tenha escolhido estudá-la —, minha visão era muito mais restrita aos tropos mais banais (como robôs ou aventuras espaciais), deixando de perceber como a FC está em todo o lugar. O mesmo se deu com o Feminismo, o qual me atraía e gerava muita curiosidade, ao aprender que, dentro desse movimento, existem

várias divisões de interesse e perspectivas (tais como o feminismo de classe média, o preto, o marxista, o lésbico e o interseccional, sendo este último com o qual me alinho), fazendo com que haja certa luta dentro próprio movimento, entre esses diferentes posicionamentos, e não apenas uma luta contra o patriarcado. E aprender sobre isso, mostrou-me, também, que de nada adianta lutar contra o machismo sem lutar contra o racismo e contra a estratificação social. Outro ponto que chamou minha atenção durante os estudos foi o fato de que muito daquilo que era entendido como ideal pelo primeiro utopista, Sir. Thomas More, em 1516, continua a povoar as idealizações de sonhadores e utopistas ainda hoje (a saber: que os bens sejam comuns, que a instrução seja generalizada, que a população seja organizada, produtiva e feliz).

Preciso salientar, também, o quanto o processo de fazer este TCC na área de Escrita Criativa, preparando-me para escrever meu primeiro romance, foi, ao mesmo tempo, um grande sonho e um grande desafio pessoal. Pois desde pequena sempre gostei de escrever e o fiz, mas sem saber o que estava fazendo direito e sem nunca acreditar que me tornar uma escritora seria possível. Ao fazer este trabalho, porém, sendo encorajada por colegas e professores, lendo os conselhos de escritores renomados, começando a entender, de fato, o que é ser uma escritora e, principalmente, tendo estruturado e escrito trechos da minha própria história, sinto-me muito mais confiante e capaz, sinto que estou no caminho certo.

Quanto ao futuro deste estudo, há ainda muita coisa a ser feita. Desde tarefas mais árduas e óbvias, tais como: desmembrar os capítulos em cenas e considerar o movimento que cada uma delas constrói, continuar escrevendo os trechos dos capítulos já iniciados e iniciar os que ainda não o foram, revisar o que já foi escrito, caçando as palavras masculinas ainda presente e feminizando-as etc., até o desenvolvimento e aperfeiçoamento de pontos mais específicos da história, como a Teoria da Gente (que abandona gênero, sexo, classe, raça e corpo e foca na personalidade de cada pessoa, todas feitas da mesma carne e osso, todas gente. Essa teoria será o cerne da Revolução da Gente ao final da narrativa) ou a organização geopolítica do mundo (até então idealizada como: Fêmina (planeta/Nação) > Região (país) > Vila (cidade), excluindo-se a divisão em continentes e estados para fins de praticidade e simplificação, valores feminianos), entre outros. Tudo isso, é claro, acompanhado de muito mais leituras sobre os assuntos em questão, pois quanto mais eu leio, mais ideias vou acumulando e, conseqüentemente, mais profundo e interessante minha narrativa se torna. Quanto a todo esse trabalho, porém, deixarei para o mestrado, durante o qual espero aumentar meu conhecimento, confiança e, de fato, escrever *Fêmina*, do início ao fim, apresentando-o junto com minha dissertação.

*The end.*

## REFERÊNCIAS

- BRASIL, Luiz Antonio de Assis. **Escrever Ficção: Um Manual de Criação Literária**. Colaboração de Luís Roberto Amabile. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- BUTLER, Judith. Atos performáticos e a formação dos gêneros: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. *In*: LORDE, Audre et al.; organização Heloisa Buarque de Hollanda. **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.
- FRASER, Nancy. Feminismo, capitalismo e a astúcia da história. *In*: LORDE, Audre et al.; organização Heloisa Buarque de Hollanda. **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.
- GERNSBACK, Hugo et al. **Amazing Stories Volume 01 Number 01**. Disponível em: <https://archive.org/details/AmazingStoriesVolume01Number01/page/n99/mode/2up>. Acessado em: 20 nov 2020.
- HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. *In*: LORDE, Audre et al.; organização Heloisa Buarque de Hollanda. **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.
- HARDING, Sandra. A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista. *In*: LORDE, Audre et al.; organização Heloisa Buarque de Hollanda. **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.
- LAURETIS, Teresa de. A tecnologia de gênero. *In*: LORDE, Audre et al.; organização Heloisa Buarque de Hollanda. **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.
- MENDLESOHN, Farah. Fiction, 1926–1949. *In*: KAWA, Abraham et al.; organização BOULD, Mark; BUTLER, Andrew M.; ROBERTS, Adam; VINT, Sherryl. **The Routledge Companion to Science Fiction**. London and New York: Routledge, 2009.
- OCKERBLOOM, Mary Mark. **Pre-1950 Utopias and Science Fiction by Women An Annotated Reading List of Online Editions**. Disponível em: [https://digital.library.upenn.edu/women/\\_collections/utopias/utopias.html](https://digital.library.upenn.edu/women/_collections/utopias/utopias.html). Acessado em: 24 mar 2022.
- POE, Edgar Allan. A Filosofia da Composição *In*: **Poemas e Ensaios**. (Trad. Oscar Mendes e Milton Amado). São Paulo: Globo, 1999. 3. ed. revista.
- ROBERTS, Adam. **A Verdadeira História da Ficção Científica: Do preconceito à conquista das massas**. São Paulo: Seoman, 2018.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. *In*: LORDE, Audre et al.; organização Heloisa Buarque de Hollanda. **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.
- WITTIG, Monique. Não se nasce mulher. *In*: LORDE, Audre et al.; organização Heloisa Buarque de Hollanda. **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.
- WOOLF, Virginia. **Mulheres e Ficção**. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2019.